

PERSPECTIVAS DA PECUÁRIA BOVINA DO NORDESTE (*)

1. INTRODUÇÃO

Este estudo integra uma série de pesquisas sobre pecuária bovina realizadas pelo Banco do Nordeste do Brasil S.A., através de seu Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE).

Sua efetivação se prende à necessidade de atualização de dados sobre a pecuária, que servirão de subsídios para orientação de programas de financiamentos por parte do BNB.

O setor pecuário regional vem sendo contemplado com uma crescente ação de respaldo financeiro dos vários órgãos de desenvolvimento, notadamente dos bancos oficiais, e pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Em decorrência dessa política creditícia, observa-se que, nos últimos anos, vem aumentando sensivelmente o número de novos projetos pecuários, notadamente de bovinos, apresentados para financiamento ou captação de recursos dos incentivos fiscais. Tal fato implica naturalmente a necessidade de um constante exame do comportamento da pecuária regional, no sentido de cada vez mais aperfeiçoar o sistema de apoio à atividade pecuária.

No que se refere particularmente ao Banco do Nordeste do Brasil, a realização dessa pesquisa veio ao encontro da necessidade de renovação de conhecimentos sobre pecuária bovina, bem como de uma avaliação, em termos globais, dos financiamentos concedidos ao setor, não apenas por parte de seus departamentos especializados, como também de outros órgãos de desenvolvimento que atuam na Região.

Especificamente, a pesquisa visou:

- Atualizar o zoneamento pecuário anteriormente realizado pelo BNB/ETENE, a fim de se conhecerem as modificações que poderão ter ocorrido nas diversas áreas produtoras de bovinos para corte;

(*) Trabalho elaborado pelo TDE Pedro Guimarães Mariz Filho e Eng.-Agrônomo Alfredo Augusto Porto Oliveira, pertencentes à Divisão de Agricultura do Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE) do Banco do Nordeste do Brasil S. A.

- Estimar a oferta regional e extra-regional de bovinos destinados a cria, recria e abate no Nordeste;
- Identificar os principais movimentos de gado bovino das zonas produtoras para os centros importadores ou de convergência de bovinos para consumo;
- Obter informações sobre a infra-estrutura industrial existente no que se refere ao aproveitamento de bovino: abate e condições de adaptação do setor pecuário a uma futura política de exportação de carne pelo Nordeste; mecanismo de exportação de carne vigente no país; e mercado internacional de carnes.

2. *Área da Pesquisa e Levantamento dos Dados*

Para realização da pesquisa foram visitadas as principais zonas pecuárias da Região, inclusive os municípios situados no Nordeste do Estado de Minas Gerais, compreendidas na área de atuação do Banco do Nordeste e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

Os dados diretos foram obtidos mediante entrevistas junto a criadores, recriadores, engordadores ou invernistas, comerciantes e transportadores de gado, postos de fiscalização das secretarias de fazendas estaduais, matadouros frigoríficos, técnicos e instituições públicas e privadas ligadas à pecuária.

Para determinação do quantitativo pecuário regional utilizaram-se os dados oficiais dos Censos de 1960 e 1970 e os dos departamentos estaduais de estatística, e a documentação existente no ETENE.

As informações sobre o mercado externo de carne e a infra-estrutura industrial da Região são oriundas de fontes secundárias, já publicadas pelo Escritório de Análise Econômica e Política Agrícola, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária (CONDEPE), ambos do Ministério da Agricultura, além de outras fontes especializadas.

3. DIMENSIONAMENTO DO EFETIVO BOVINO

3.1. *Oferta Regional*

Até recentemente os dados sobre o efetivo bovino no Nordeste de maior utilização eram os fornecidos pela Equipe Técnica de Estatística Agropecuária do CONDEPE, do Ministério da Agricultura, notadamente pela sua seqüência anual em comparação com os do Censo, somente disponíveis no fim de cada década.

Em confronto com as informações obtidas pelos vários censos agrícolas, os dados apresentavam discrepâncias entre si, que tendiam gradativamente a se ampliar. Com efeito, nos dois censos mais recentes, 1960 e 1970, a diferença para mais no Nordeste a favor dos elementos do ETEA foram de 17,7 e 32,5%, respectivamente.

Acredita-se que as informações do Censo de 1970 sejam as mais representativas do rebanho regional, razão por que serão utilizadas para a realização deste trabalho.

3.1.1. *Tamanho do Rebanho Bovino*

Por ocasião do Censo de 1970 o rebanho nordestino totalizava 13,7 milhões de cabeças, correspondendo a 17,5% do efetivo nacional.

Embora lentamente, a participação do efetivo regional vem apresentando decréscimo percentual em relação ao rebanho do país. Em termos absolutos, o rebanho do Nordeste cresceu, de 1920 a 1970, de 7,4 para 13,7 milhões de cabeças. Sua posição relativa, contudo, passou de 21,5 para 17,5% no referido período.

No que tange à taxa média de crescimento, excetuando-se 1930, em que não houve censo agrícola, os dados observados estão em declínio. Assim, no período 1940/1950, a taxa geométrica média de crescimento do rebanho foi de 2,40%; em 1950/1960 atingiu 1,90%; e, finalmente, em 1960/70, foi de apenas 1,74%.

Em termos comparativos, verifica-se que, para o país como um todo, o efetivo bovino vem crescendo em níveis mais acentuados. Desse modo, na década 1940/1950 o rebanho apresentou um incremento de 2,6%; em 1950/1960, de 2,3%; e 1960/1970, de 3,4%.

Os Estados da Bahia, Ceará e Maranhão detinham, em 1970, respectivamente, 40,9, 12,4 e 10,4% do rebanho, totalizando 64,0% do total existente na Região.

A tabela seguinte visualiza os dados, em números absolutos, sobre o rebanho bovino do Nordeste, bem como a estrutura percentual nos períodos 1920, 1940, 1950, 1960 e 1970, de acordo com os censos realizados nesses anos.

3.1.2. *Estrutura do Efetivo Bovino Segundo Sexo e Idade*

3.1.2.1. *Apreciação Conceitual e Metodológica*

Para a obtenção dos dados sobre a composição do rebanho regional foram considerados os dados globais do censo de 1970. Por não estarem ainda disponíveis as informações sobre a estrutura do efetivo bovino, segundo as suas várias categorias, adotou-se como instrumento de trabalho o modelo de simulação do rebanho, para que se pudesse chegar àquelas estimativas.

Tabela 1

**Rebanho Bovino do Nordeste
nas Datas dos Censos**

Estados	Números Absolutos (1.000 Cabeças)					Estrutura Percentual				
	1920	1940	1950	1960	1970	1920	1940	1950	1960	1970
Maranhão	835	803	928	1.381	1.485	11,3	10,5	9,8	12,0	11,3
Piauí	1.045	994	1.018	1.136	1.193	14,2	13,0	10,6	9,8	11,3
Ceará	580	992	1.161	1.354	1.704	7,9	13,0	12,1	11,7	14,2
Rio Grande do Norte	318	432	463	487	603	4,3	5,6	4,8	4,2	6,0
Paraíba	445	608	681	766	863	6,0	7,9	7,1	6,6	8,0
Pernambuco	745	606	830	930	1.183	10,1	7,9	8,6	8,0	10,1
Alagoas	388	218	275	412	480	5,3	2,8	2,9	3,6	4,2
Sergipe	311	262	376	495	614	4,2	3,4	3,9	4,3	5,3
Bahia	2.698	2.740	3.900	4.595	5.625	36,7	35,9	40,4	38,8	40,4
NORDESTE	7.365	7.655	9.632	11.556	13.730	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
BRASIL	34.271	34.392	44.600	58.041	78.258					
% NE/BR	21,5	22,3	21,6	20,6	17,5					

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - 1970: IBGE.

Para sua utilização, foi indispensável obter, de 1963 a 1970, os abates de bovinos na Região, discriminados entre bois, vacas e vitelos (segundo o CONDEPE).

Sabe-se que a Região importa anualmente cerca de 20% dos abates registrados. Assim sendo, foram abatidos, em 1970, 1.544 mil cabeças, ou seja, 1.544 mil bois e 419 mil vacas. Desse total, portanto, foram importados 309 mil bois, notadamente do Estado de Minas Gerais e, em menor escala, de Goiás.

A seqüência dos cálculos desse modelo foi a seguinte: em 1970 foram abatidos 1.235 mil bois que, acrescidos do abate para consumo próprio, estimado em 10%, perfazem o total de 1.358 mil bois.

Considerando-se que, para que houvessem 1.358 mil bovinos para abate, e se a taxa de mortalidade entre animais de 3-4 anos fosse de 5%, deveriam existir, em 1969, aproximadamente 1.426 mil animais com uma idade média de 2-3 anos; se a taxa de mortalidade entre 2-3 anos de idade fosse de 8%, deveria existir, em 1968, um número aproximado de 1.540 mil bovinos com a idade média de 1-2 anos; se a taxa de mortalidade entre nascimento e dezoito meses fosse de 10%, deveriam ter nascido em 1967, aproximadamente, 1.694 mil bezerros machos.

Somando-se a esse total o montante de vitelos abatidos, ou seja, 19,6 mil animais, tem-se os machos nascidos em 1967, ou seja, 1.714 mil cabeças.

A partir do número de bezerros nascidos, pode-se considerar igualmente o número de bezerras nascidas, ou seja, também 1.714 mil animais.

Quanto ao número de fêmeas, invertendo-se o raciocínio, pode-se obter o número de animais que sobreviveriam nos primeiros dezoito meses, e assim por diante, até se atingir o número de fêmeas que alcançariam a idade de 3-4 anos em 1970.

Exemplificando: tomando-se o número de fêmeas nascidas em 1967 (1.714 mil animais), menos a taxa de mortalidade de 10%, encontra-se os animais existentes entre 1 e 2 anos em 1968, ou seja, 1.543 mil animais; se a taxa de mortalidade entre 1 e 2 anos fosse de 8%, deveriam existir 1.419 mil animais entre 2 e 3 anos; se a taxa de mortalidade de animais de 2-3 anos fosse de 5%, haveria em 1970, aproximadamente, 1.348 mil animais com idade de 3-4 anos.

(1) Adaptação do modelo de simulação de autoria do Dr. Guilherme Leite da Silva Dias, do Instituto de Pesquisas Econômicas da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, in: Estudos Econômicos, vol. 2, 1972, n.º 4 e de Raul E. Yver, em "The cattle industry in ARGENTINA", Universidade de Chicago, 1971.

O estoque de vacas (coluna XII) foi obtido a partir da taxa de natalidade média do Nordeste (50%), ou seja, para uma produção de 3.282 mil bezerros (1970) seriam necessários aproximadamente 6.565 mil vacas (1970).

Dispondo-se do estoque de vacas, pode-se obter os dados para formação do estoque seguinte, a partir da subtração do número de vacas que são abatidas comercialmente, acrescido do abate para consumo próprio e da mortalidade natural do estoque de matrizes, que se estima em torno de 5%.

Para 1970, ano base mencionado anteriormente, obteve-se o rebanho de 13.810 mil cabeças, ligeiramente superior aos dados registrados pelo Censo da Fundação IBGE para o referido ano.

Tabela 2
Exemplo dos Cálculos para Reconstrução do Rebanho Bovino do Nordeste

	1973	1972	1971	1970	1969	1968	1967
I. Bois abatidos							
Idade 3-4 anos	1.178	1.146	1.115	1.235			
II. Acrescidos do abate p/consumo próprio	1.295	1.261	1.226	1.358	(10% de I)		
					(mortalidade 5%)		
III. Animais existentes no ano anterior							
Idade 2-3 anos		1.360	1.323	1.288	1.426		
					(mortalidade 8%)		
IV. Animais existentes no ano anterior							
Idade 1-2 anos			1.468	1.429		1.540	
					(mortalidade 10%)		
V. Animais existentes no ano anterior							
com 0-1 ano				1.615	1.572	1.530	1.694
VI. Abate de vitelos				26	16	18	19
VII. Total de bezerros nascidos				1.641	1.588	1.548	1.714
VIII. Total de bezerras nascidas				1.641			-
					(mortalidade 10%)		
IX. Animais existentes no ano posterior							
Idade 1-2 anos			1.477	1.429	1.393	1.543	
					(mortalidade 8%)		
X. Animais existentes no ano posterior							
Idade 2-3 anos		1.359	1.315	1.281	1.419		
					(mortalidade 5%)		
XI. Acréscimo ao estoque de matrizes							
Idade 3-4 anos				1.348			
XII. Estoque de vacas no ano de 1970							
(número total de bezerros e bezerras/ taxa de natalidade de 0,50)	7.080	6.915	6.735	6.565			
XIII. Abate comercial de fêmeas	479	468	457	419			
XIV. Acrescido de abate p/consumo próprio	623	608	594	545	(30% de XIII)		
XV. Mort. natural do estoque de matrizes							
(5%)	354	345	337	328			
XVI. Est. de matrizes no início do ano							
posterior		5.961	5.804	5.692			

- I - Bois abatidos**
 Idade 3-4 anos: O número de animais abatidos (bois, vacas e vitelos) no Nordeste: 1963 a 1969.
 Fonte: IBGE; 1970 e 1971. Fonte: Condepe/Ma; 1973 a 1975. Fonte: Projeção BNB/ETENE segundo a série histórica 1955/1969.
 Obs.: Estima-se que 20% do gado abatido no Nordeste é oriundo de outras regiões do país.
- II - Acrescido do abate para consumo próprio:** Estimou-se que o abate de bois para consumo próprio nas fazendas e abate clandestino seria de 10% do total de abates de bois produzidos na região.
- III - Animais existentes no ano anterior**
 Idade 2-3 anos: Coluna II menos 5% de índice de mortalidade.
- IV - Animais existentes no ano anterior**
 Idade 1-2 anos: Coluna III menos 8% de índice de mortalidade.
- V - Animais existentes no ano anterior com 0-1 ano:** Coluna IV menos 10% de índice de mortalidade.
- VI - Abate de vitelos:** Até 1969 — dados registrados. Fonte: IBGE. De 1970 a 1972 — dados estimados. Fonte: CONDEPE/Ma. Em 1973 — dados estimados. Fonte: BNB/ETENE.
- VII - Total de bezerros nascidos:** Soma simples das colunas V e VI.
- VIII - Total de bezerras nascidas:** Número de fêmeas nascidas iguala o da Coluna VII.
- IX - Acréscimo ao estoque de matrizes**
 Idade 1-2 anos: Coluna VIII menos 10% de índice de mortalidade.
- X - Animais existentes no ano posterior**
 Idade 2-3 anos: Coluna IX menos 8% de índice de mortalidade.
- XI - Acréscimo ao estoque de matrizes**
 Idade 3-4 anos: Coluna X menos 5% de índice de mortalidade.
- XII - Estoque de vacas:** Colunas VII e VIII número total de bezerros e bezerras, considerando-se taxa de natalidade de 0,50.
- XIII - Abate comercial de fêmeas:** Até 1969 — dados registrados. Fonte: IBGE. De 1970 a 1972 — dados estimados: Fonte — CONDEPE. Em 1973 — dados estimados. Fonte: BNB/ETENE.
- XIV - Acrescido do abate p/ consumo próprio:** Estimou-se em 30% do abate da coluna XIII.
- XV - Mortalidade natural do estoque de matrizes (5%):** Coluna XII menos 5% de índice de mortalidade
- XVI - Estoque de matrizes no início do ano posterior:** Coluna XII menos colunas XIV e XV.

Tabela 3

CÁLCULOS PARA RECONSTRUÇÃO DO REBANHO BOVINO DO NORDESTE

	1976	1975	1974	1973
I — BOIS ABATIDOS (Idade 3-4 anos)	1.271.000	1.241.000	1.209.000	1.178.000
II — ACRESCIDOS DO ABATE P/CONSUMO PRÓPRIO	1.398.100	1.365.100	1.329.900	1.295.000
III — ANIMAIS EXISTENTES NO ANO ANTERIOR (Idade 2-3 anos)		1.468.000	1.433.355	1.396.395
IV — ANIMAIS EXISTENTES NO ANO ANTERIOR (Idade 1-2 anos)			1.585.440	1.548.023
V — ANIMAIS EXISTENTES NO ANO ANTERIOR (Idade 0-1 anos)				1.743.984
VI — ABATE DE VITELOS		27.000	27.000	26.000
VII — TOTAL DE BEZERROS NASCIDOS				1.769.984
VIII — TOTAL DE BEZERRAS NASCIDAS				1.769.984
IX — ANIMAIS EXISTENTES NO ANO ANTERIOR (Idade 1-2 anos)				1.555.943
X — ANIMAIS EXISTENTES NO ANO POSTERIOR (Idade 2-3 anos)				1.302.285
XI — ACRÉSCIMO AO ESTOQUE DE MATRIZES (Idade 3-4 anos)				1.291.519
XII — ESTOQUE DE VACAS NO ANO (N.º TOTAL BEZERROS E BEZERRAS/TAXA NATAL 0,50)				7.079.936
XIII — ABATE COMERCIAL DE FÊMEAS				479.000
XIV — ACRESCIDOS DO ABATE P/CONS. PRÓPRIO				622.700
XV — MORTALIDADE NATURAL DO ESTOQUE DE MATRIZES (5%)				353.996
XVI — ESTOQUE DE MATRIZES NO INÍCIO NO ANO POSTERIOR				5.961.495

Notas: I — Número de bois abatidos (exclusivo importações de bois de fora do Nordeste). Abate de vitelos:

1963/1969 — IBGE. 1970/1975: Projeção BNB com base na série histórica 1955/1969.

1964 — Coluna IX — $1.207.752 \times 8\% = 96.620$ $1.207.752 - 96.620 = 1.111.132$

1965 — Coluna X — $1.111.132 \times 5\% = 55.556$ $1.111.132 - 55.556 = 1.055.576$

XIII — 1963 a 1969: Fundação IBGE

1970 a 1972: MA/CONDEPE

1973 : Estimativa DA/BNB/ETENE

1972	1971	1970	1969	1968	1967	1966	1965	1964	1963
1.146.000	1.115.000	1.235.000	1.054.000	993.000	958.000	962.000	878.000	831.000	824.000
1.260.600	1.226.500	1.358.500	1.159.400	1.092.300	1.053.800	1.058.200	965.800	914.100	906.400
1.359.750	1.323.630	1.287.825	1.426.425	1.217.370	1.146.915	1.106.490	1.111.110		
1.508.107	1.468.530	1.429.520	1.390.851	1.540.539	1.314.759	1.238.668	1.195.009	1.199.998	
1.702.825	1.658.918	1.615.383	1.572.472	1.529.926	1.694.592	1.446.234	1.362.534	1.314.509	1.319.997
26.000	25.000	26.000	16.000	18.000	19.620	25.142	23.073	21.036	21.949
1.728.825	1.683.918	1.641.383	1.588.472	1.547.926	1.714.212	1.471.376	1.385.607	1.335.545	1.341.946
1.728.825	1.683.918	1.641.383	1.588.472	1.547.926	1.714.212	1.471.376	1.385.607	1.335.545	1.341.946
1.415.527	1.477.245	1.429.625	1.393.134	1.542.791	1.324.239	1.247.047	1.201.991	1.207.752	
1.359.066	1.315.255	1.281.684	1.419.368	1.218.342	1.147.284	1.105.832	1.111.132		
1.249.493	1.217.600	1.348.400	1.157.425	1.089.920	1.050.541	1.055.576			
6.915.300	6.735.672	6.565.532	6.353.888	6.191.704	6.856.848	5.885.504			
468.000	457.000	418.853	431.000	431.000	419.000	437.895	407.976	372.060	365.044
608.040	594.100	544.508	560.300	560.300	544.700	569.263			
345.765	336.788	328.277	317.694	309.585	342.842	294.275			
5.804.794	5.692.747	5.475.894	5.321.819	5.969.306	5.021.966				

Tabela 4

NORDESTE

ESTIMATIVA DO REBANHO BOVINO, DE ACORDO COM O MODELO DE SIMULAÇÃO UTILIZADO

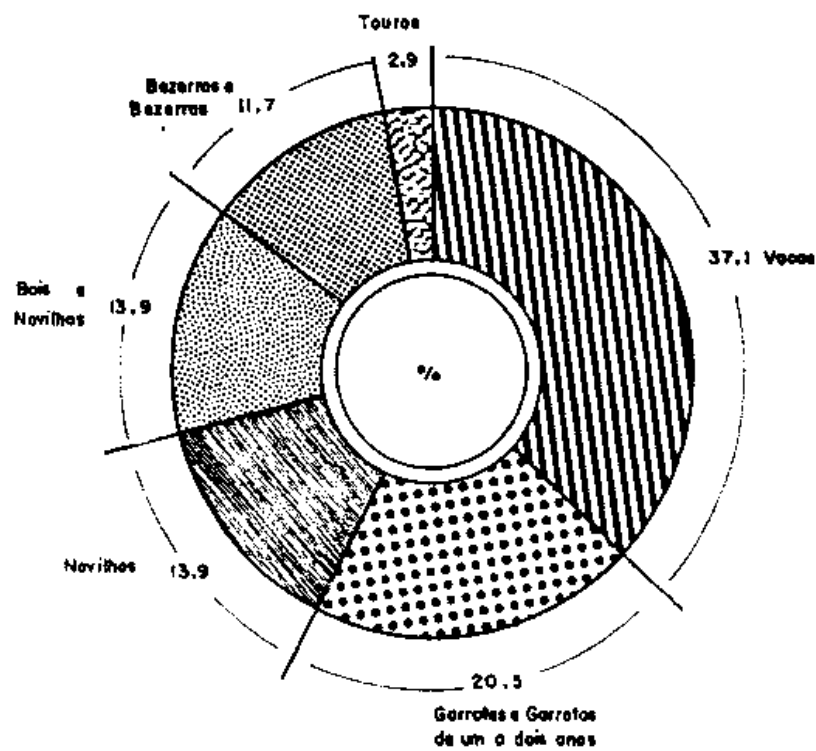
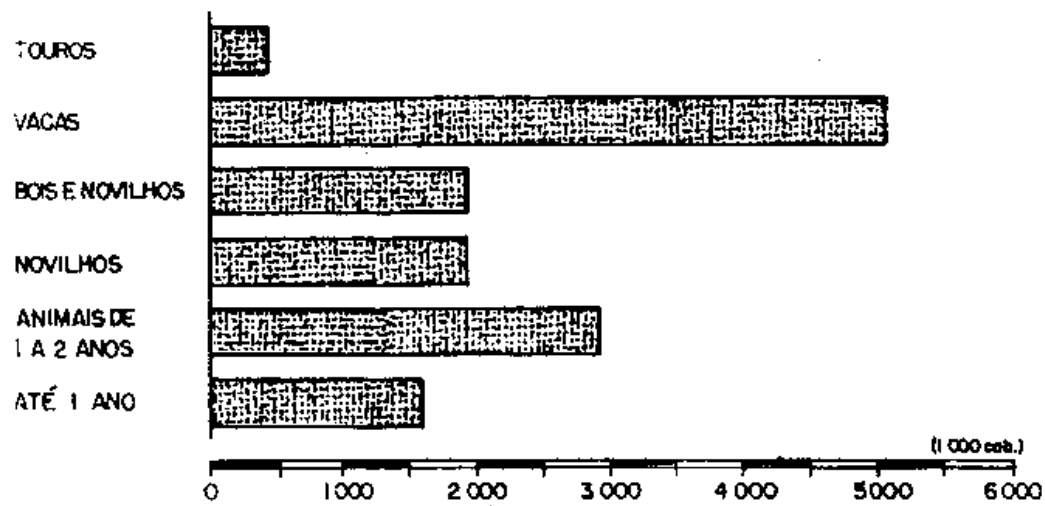
Ano	Abate Comercial	Abate Total	Novilhos 2-3 anos	Novilhos 1-2 anos	Novilhos 0-1 anos	Viteios Abatidos	Machos Nascidos	Fêmeas Nascidas
1963	824	906			1.320	22	1.342	1.342
1964	831	914		1.200	1.314	21	1.335	1.335
1965	878	966	1.111	1.195	1.362	23	1.386	1.386
1966	962	1.058	1.106	1.238	1.446	25	1.471	1.471
1967	958	1.054	1.147	1.315	1.694	20	1.714	1.714
1968	993	1.092	1.217	1.540	1.529	18	1.548	1.548
1969	1.054	1.159	1.426	1.391	1.572	16	1.588	1.588
1970	1.235	1.358	1.288	1.429	1.615	26	1.641	1.641
1971	1.115	1.226	1.323	1.468	1.659	25	1.684	1.684
1972	1.146	1.260	1.360	1.508	1.703	26	1.729	1.729
1973	1.178	1.295	1.396	1.548	1.744	26	1.770	1.770

Notas: (1) Para o cálculo do número de touros, estimou-se um percentual de 8% em relação ao número de vacas.

(2) Para este total considerou-se o rebanho existente no ano, exclusive o total de cabeças nascidas no mesmo período as quais se somarão ao inventário de 1.º de janeiro do ano posterior.

Novilhas 1-2 anos	Novilhas 2-3 anos	Novilhas 3-4 anos	Abate Comercial	Abate Total	Estoque de Vacas	Taxa de Natalidade	Teiros (1)	Rebanho (2)
			365					
1.208			372					
1.202	1.111		408					
1.247	1.106	1.055	437	569				
1.324	1.147	1.050	419	544	5.022	0,68	401	13.100
1.543	1.218	1.090	431	560	5.969	0,52	477	14.583
1.393	1.419	1.157	431	560	5.322	0,60	426	14.106
1.429	1.281	1.348	419	545	5.476	0,60	438	14.304
1.477	1.315	1.217	457	594	5.693	0,59	455	14.607
1.415	1.359	1.249	468	608	5.805	0,59	464	14.863
1.556	1.302	1.291	479	623	5.961	0,59	476	15.274

ESTRUTURA DO EFETIVO BOVINO DO NORDESTE, SEGUNDO O
SEXO E CLASSES DE IDADE
1970



FONTE: Estudo do BNB/ETENE

suopira

4. ZONEAMENTO PECUARIO

4.1. *Centros de Produção e de Convergência de Gado para Abate*

O exame dos dados gerais sobre o rebanho e o abate de bovinos do Nordeste indicam que, no que se refere ao abate destinado ao consumo local, muitas regiões até agora conhecidas como supridor-
ras de rezes para abate, tecnicamente, não poderiam ser assim classificadas.

O que se pretende evidenciar é que, existindo uma relação amplamente aceita entre o "quantum" bovino de uma região e o número de seus habitantes, ou seja, uma relação de 1:1, algumas regiões e mesmo Estados não teriam condições de exportar seus excedentes desde que atendessem plenamente suas próprias necessidades de consumo de carne bovina.

Assim, através do Estado do Maranhão, existem apenas duas micro-regiões que, tecnicamente, poderiam ser consideradas como exportadoras, em 1970: Chapada do Sul Maranhense e Chapada do Baixo Balsas com, respectivamente, 1,9 e 1,6 bovino por habitante. No Estado do Piauí, as zonas das Chapadas do Sul do Piauí, Altos Piauí e Canindé, o Médio Gurgueia e o Alto Parnaíba Piauiense poderiam ser consideradas como exportadoras. No Estado do Ceará, apenas a região do Médio Jaguaribe; no Rio Grande do Norte não há zona classificada como exportadora, segundo o critério adotado; de modo semelhante, os Estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas; Sergipe conta com duas: a zona de Nossa Senhora das Dores e a do Sertão Sergipano do S. Francisco; e o Estado da Bahia, com a Pastoril de Itapetinga (4,7), a do Piemonte da Diamantina, o Médio S. Francisco, os Chapadões do Rio Corrente e os Chapadões do Alto Rio Grande.

Deixando-se à parte o conceito de que uma região só poderá ser considerada como produtora, ou melhor, exportadora de gado para abate se mantiver a relação bovino/habitante, procurou-se reunir informações que permitissem identificar aquelas zonas em cada Estado que atualmente são os maiores centros de criação de gado bovino.

Em ambos períodos apenas o Estado da Bahia figurava com municípios cujos rebanhos ultrapassavam o número de 100 mil animais.

O rebanho nordestino acha-se, assim, bastante espalhado por toda a área, contando apenas com uma maior concentração nas zonas imediatamente posteriores à faixa litorânea, ou seja, na região do agreste.

Tabela 5

NORDESTE

Distribuição do Rebanho Bovino Segundo o Tamanho dos Efetivos por Municípios

1960

Classes (número de cabeças)	Número de Municípios									
	Maranhão	Piauí	Ceará	R.G. do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	NORDESTE
0 — 10.000	41	24	89	69	61	60	32	33	67	476
10.001 — 20.000	26	25	33	9	19	28	16	21	42	219
20.001 — 30.000	11	12	9	1	6	8	3	6	42	98
30.001 — 40.000	7	1	4	—	2	4	3	—	15	36
40.001 — 50.000	3	1	1	1	1	2	1	—	8	18
50.001 — 60.000	2	2	2	—	—	—	—	—	7	13
60.001 — 70.000	1	2	—	—	—	1	—	—	2	6
70.001 — 80.000	—	1	—	—	—	—	—	—	3	4
80.001 — 90.000	—	—	—	—	—	—	—	—	2	2
90.001 — 100.000	—	—	—	—	—	—	—	—	2	2
Mais de 100.000	—	—	—	—	—	—	—	—	10	10
T O T A L	91	68	138	80	89	103	55	60	200	884

Fonte: SEP - MA.

Tabela 6

NORDESTE

Distribuição do Rebanho Bovino Segundo o Tamanho dos Efetivos por Municípios

1970

Classes (número de cabeças)	Número de Municípios									
	Maranhão	Piauí	Ceará	P.G. do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	NORDESTE
0 — 10.000	78	70	81	139	151	123	84	55	161	942
10.001 — 20.000	33	34	39	9	15	30	9	11	93	273
20.001 — 30.000	14	4	11	2	4	10	1	7	39	92
30.001 — 40.000	1	3	6	—	1	1	—	1	14	27
40.001 — 50.000	3	2	—	—	—	—	—	—	14	19
50.001 — 60.000	1	—	2	—	—	—	—	—	1	4
60.001 — 70.000	—	—	3	—	—	—	—	—	3	6
70.001 — 80.000	—	1	—	—	—	—	—	—	1	2
80.001 — 90.000	—	—	—	—	—	—	—	—	4	4
90.001 — 100.000	—	—	—	—	—	—	—	—	2	2
Mais de 100.000	—	—	—	—	—	—	—	—	4	4
T O T A L	130	114	142	150	171	164	94	74	336	1.375

Fonte: Censo de 1970.

a) Zonas produtoras de gado de corte

Existem no Maranhão condições amplamente propícias à criação de gado bovino, apresentando este Estado grande potencial para o desenvolvimento da produção pecuária.

A época da pesquisa, as principais zonas de criação de gado vacum para corte eram: Baixada Ocidental Maranhense, Itapecuru, Mearim, Chapadas do Sul Maranhense, Pindaré, Baixada Oriental Maranhense, Alto Mearim, Grajaú e Imperatriz.

Dentre elas as mais promissoras, em termos de organização à produção pecuária, são as do Pindaré e do Mearim, notadamente nos municípios de Lago da Pedra e Vitorino Freire, na primeira micro-região referida, e nos municípios de Lago do Junco, Pio XII e Ólho D'Água das Cunhãs, na última zona. Essas zonas são próprias para recria.

A região da Baixada Ocidental Maranhense detém o maior efetivo do Estado e a segunda densidade (11,4 cabeças por km²). A proximidade da capital estadual lhe confere uma apreciável vantagem para a comercialização de sua oferta de gado para abate.

A tabela 7 apresenta dados gerais sobre o rebanho bovino maranhense, referentes aos anos de 1960 e 1970.

Observou-se, durante a pesquisa, que o abastecimento de São Luís era feito através de remessas de gado de outras regiões do Estado, bem como do fornecimento de animais, em determinadas épocas do ano, oriundos dos Estados de Piauí e Goiás.

No que se refere ainda à determinação de zonas consideradas exportadoras, pode-se constatar que São Luís apresenta uma taxa de desfrute de 292,8%. Naturalmente que índice tão elevado tem origem na importação da totalidade de gado de outras fontes produtoras de dentro e fora do Estado.

Na prática, todas as regiões, com exceção de São Luís, são, em maior ou menor proporção, exportadoras de gado, se se deixar de lado a relação bovino/habitante e se considerar que as taxas de desfrute de todas as regiões são menores do que a encontrada para o Nordeste (13%).

A produção de bovino no Estado do Maranhão tem o seguinte destino: a oferta da Baixada Maranhense e de Mearim se destina a São Luís; a do Baixo Parnaíba, ao Piauí, Ceará e Pernambuco; a do Médio Parnaíba se encaminha ao Ceará; e a das zonas do Sul do Estado se destina a Imperatriz e Carolina.

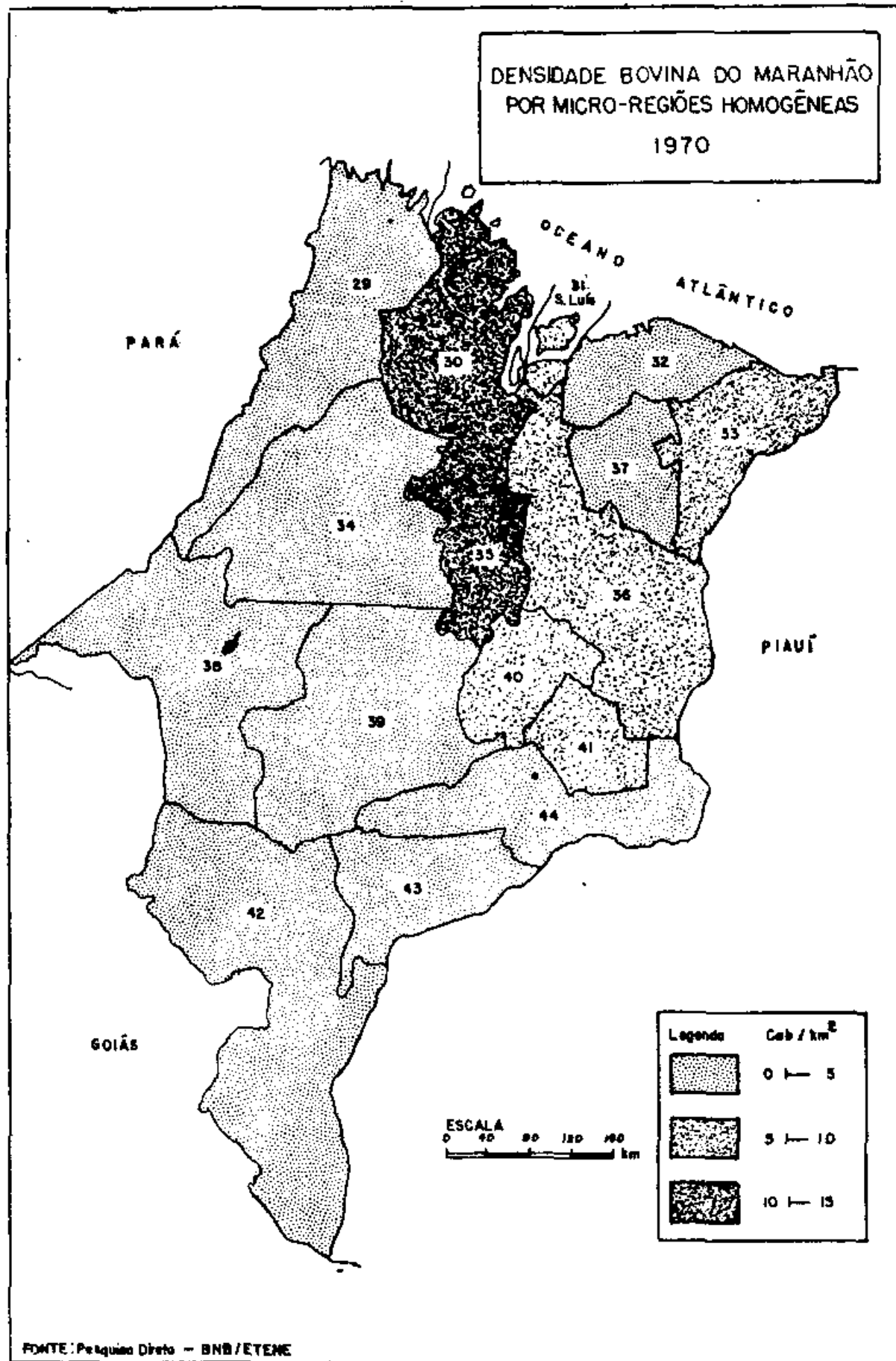
Tabela 7

ESTADO DO MARANHÃO

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Desfrute de Bovinos

Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km2	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km2	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %	Área Km2	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km2	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute
1. Gurupi	27.403	17.456	0,6	41.307	0,4	1.540	8,8	27.403	29.429	1,1	58.646	0,5	1.081	
2. Baixada Ocidental Maranhense	24.470	300.877	12,3	387.932	0,8	12.005	3,9	24.470	278.113	11,4	443.103	0,6	16.012	
3. São Luís	2.853	9.672	3,4	200.503	0,04	22.060	228,0	1.637	13.454	8,2	330.361	0,04	39.404	
4. Baixada Ocidental Maranhense	10.758	18.753	1,7	90.490	0,2	1.583	8,4	10.758	29.812	2,8	102.388	0,3	2.319	
5. Baixo Parn. Maranhense	14.364	77.399	5,4	169.392	0,5	2.765	3,5	14.251	72.280	5,1	199.081	0,4	4.987	
6. Pindaré	33.362	27.364	0,8	234.961	0,1	4.268	15,5	33.362	96.725	2,9	301.653	0,3	10.683	
7. Mearim	9.510	49.946	5,2	345.099	0,1	7.958	15,9	10.323	139.970	13,6	345.804	0,4	14.007	
8. Itapecuru	31.133	175.051	5,6	392.254	0,4	10.561	6,0	30.374	168.030	5,5	438.706	0,4	16.865	
9. Alto Mearim	9.480	43.710	4,6	107.827	0,4	1.788	4,0	9.593	43.889	4,6	126.694	0,3	4.196	
10. Imperatriz	30.395	71.294	2,3	69.371	1,0	3.163	4,4	30.395	96.113	3,2	153.537	0,6	6.595	
11. Altos Mearim e Grajaú	33.904	115.081	3,4	59.387	1,9	2.323	2,0	33.428	91.095	2,7	99.079	0,9	3.465	
12. Médio Mearim	8.228	66.320	8,1	141.106	0,5	2.569	3,8	9.688	67.701	7,0	153.909	0,4	4.066	
13. Alto Itapecuru	7.473	62.655	8,4	57.388	1,1	1.421	2,2	7.821	46.294	5,9	65.592	0,7	2.535	
14. Chapadas Sul Maranhense	47.017	165.225	3,5	78.039	2,1	12.399	7,5	47.017	162.893	3,5	87.832	1,9	8.700	
15. Baixo Balsas	14.762	79.837	5,4	37.336	2,1	2.034	2,5	14.762	59.446	4,0	37.355	1,6	2.849	
16. Pastos Bons	19.334	99.871	5,2	79.747	1,3	4.090	4,0	19.334	69.700	3,6	93.195	0,7	7.718	
T O T A L	324.616	1.380.511	4,3	2.492.139	0,6	92.527	6,7	324.616	1.464.944	4,5	3.037.135	0,8	148.477	

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.



4.1.2. Estado do Piauí

O Estado do Piauí, de larga tradição pastoril, apresenta entretanto a menor taxa de desfrute: 8,8%, em 1970, segundo os dados do Censo do referido ano.

O Estado vem sendo considerado como exportador de gado vivo para os demais Estados do Nordeste, notadamente para o Ceará, Pernambuco e Maranhão. Estima-se que as remessas de gado para fora de suas fronteiras sejam de, aproximadamente, 50/80.000 animais por ano.

Os principais centros de produção de gado para abate à época da pesquisa eram: *Zona Norte*: Esperantina, que constituía o maior polo de comercialização das boiadas, Batalha, Piracuruca e Castelo do Piauí; *Zona Sul*: Oeiras, São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Corrente, Gilhués, Parnaguá, Curimatá, Floriano, Cristino Castro e Bom Jesus (este último município era o centro de polarização de gado transacionado na zona referida).

O Estado conta com quatro regiões que podem ser consideradas centros de exportação, de acordo com o critério do número de animais existentes em confronto com a população humana. São elas: Alto Parnaíba Piauiense, Médio Gurguéia, Altos Piauí e Canindé e Chapadas do Extremo Sul Piauiense.

A tabela 8 mostra os dados gerais do rebanho bovino para 1960 e 1970.

O abate local é feito exclusivamente com produção do próprio Estado, a não ser importações eventuais de municípios maranhenses situados ao longo do rio Parnaíba.

O Estado apresenta condições satisfatórias ao desenvolvimento do setor pecuário, notadamente da cria e recria de bovinos.

4.1.3. Estado do Ceará

O Estado do Ceará apresenta apenas uma zona que poderia ser considerada como exportadora: é a do Médio Jaguaribe, com uma relação de 1,2 bovino/habitante.

A taxa de desfrute do Ceará (13,8%) é ligeiramente mais elevada do que a do Nordeste, dado que o Estado importa gado vivo, embora em pequeno número, dos Estados do Piauí, Maranhão e Bahia.

Em termos de efetivo, contudo, podemos relacionar as seguintes zonas como exportadoras de gado para abate: Sobral, Baixo e Médio Jaguaribe, Sertões de Crateús, Sertões de Quixeramobim, Sertões dos Inhamuns, Uruburetama e Sertões de Canindé.

Tabela 8

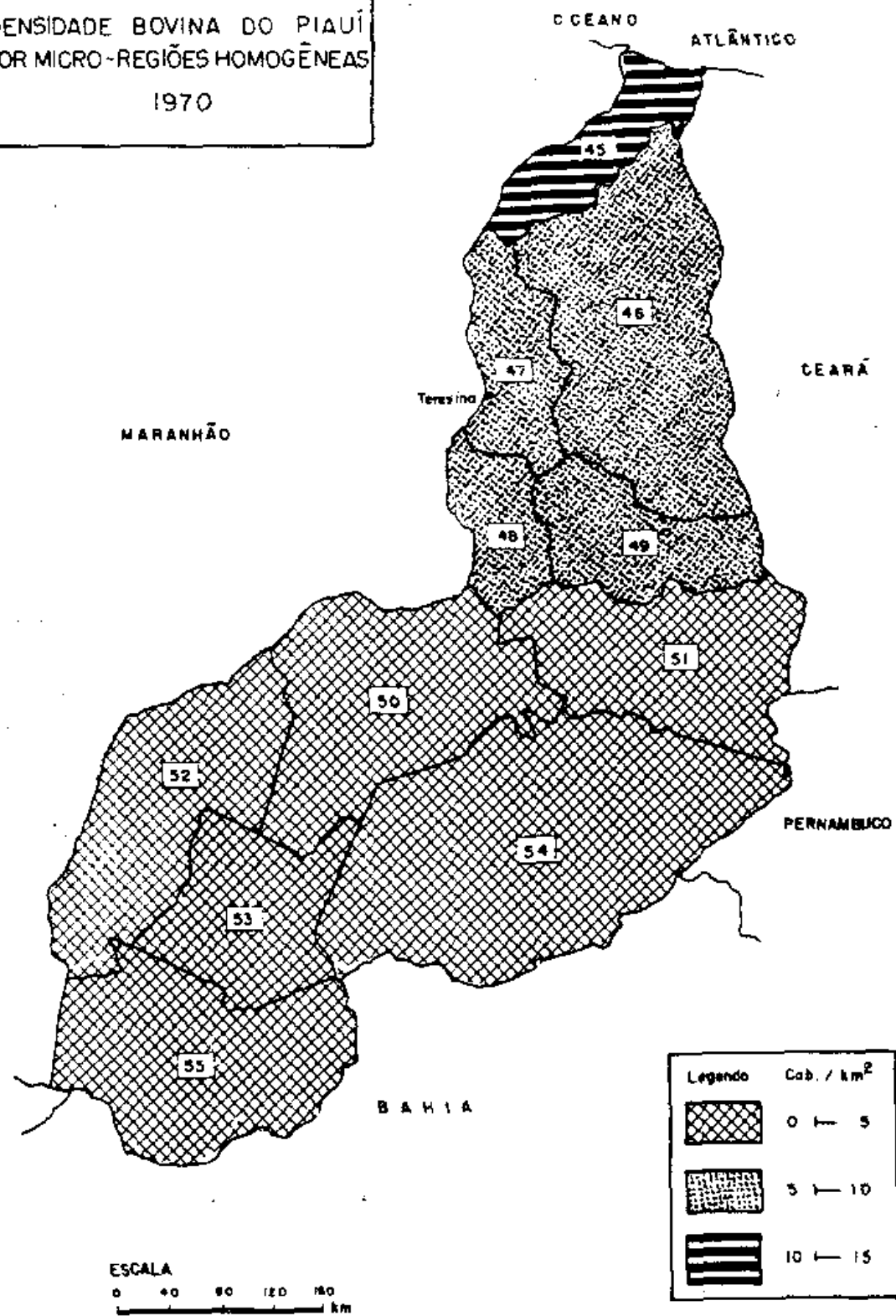
ESTADO DO PIAUÍ

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Desfrute de Bovinos

Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %
1. Baixo Parnaíba Piauí	8.820	73.813	8,4	165.533	0,4	8.405	11,3	8.922	90.432	10,1	216.069	0,4	12.210	13,5
2. Campo Maior	35.121	244.409	7,0	252.726	1,0	9.509	3,8	35.359	271.914	7,7	323.401	0,8	45.035	16,5
3. Teresina	10.486	86.331	8,2	243.653	0,4	14.138	16,3	10.779	80.646	7,5	376.619	0,2	7.466	9,2
4. Médio Parnaíba Piauí	8.381	47.759	5,7	70.747	0,7	6.001	12,5	7.716	44.575	5,8	86.153	0,5	5.641	12,6
5. Valença do Piauí	13.948	63.832	4,6	65.397	1,0	1.853	2,9	13.718	74.988	5,5	83.947	0,9	3.477	4,6
6. Floriano	29.841	107.835	3,6	81.436	1,3	11.503	10,6	29.730	88.880	3,0	120.827	0,7	10.491	11,8
7. Baixões Agr. Piauienses	20.478	159.245	7,8	168.641	0,9	7.106	4,4	22.207	179.929	8,1	236.288	0,8	9.829	5,4
8. Alto Parnaíba Piauí	27.015	38.927	1,4	23.220	1,7	1.188	3,0	26.534	37.053	1,4	24.476	1,5	1.566	4,2
9. Médio Gurguéia	15.403	35.106	2,3	22.750	1,5	737	2,0	16.388	36.926	2,3	28.112	1,5	1.312	3,5
10. Altos Piauí e Canindé	52.914	199.072	3,8	123.885	1,6	2.587	1,2	51.838	181.304	3,5	175.023	1,0	4.504	2,4
11. Chapadas Extrem. Sul Piauiense	28.028	79.974	2,9	45.380	1,8	3.418	4,2	27.743	106.735	3,8	61.890	1,7	3.998	3,7
T O T A L	250.934	1.136.303	4,5	1.263.368	0,9	66.445	5,8	250.934	1.193.382	4,8	1.734.865	0,7	105.529	8,8

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.

DENSIDADE BOVINA DO PIAUÍ
POR MICRO-REGIÕES HOMOGÊNEAS
1970



FONTE: Pesquisa Direta - BNB/ETENE

Tabela 9

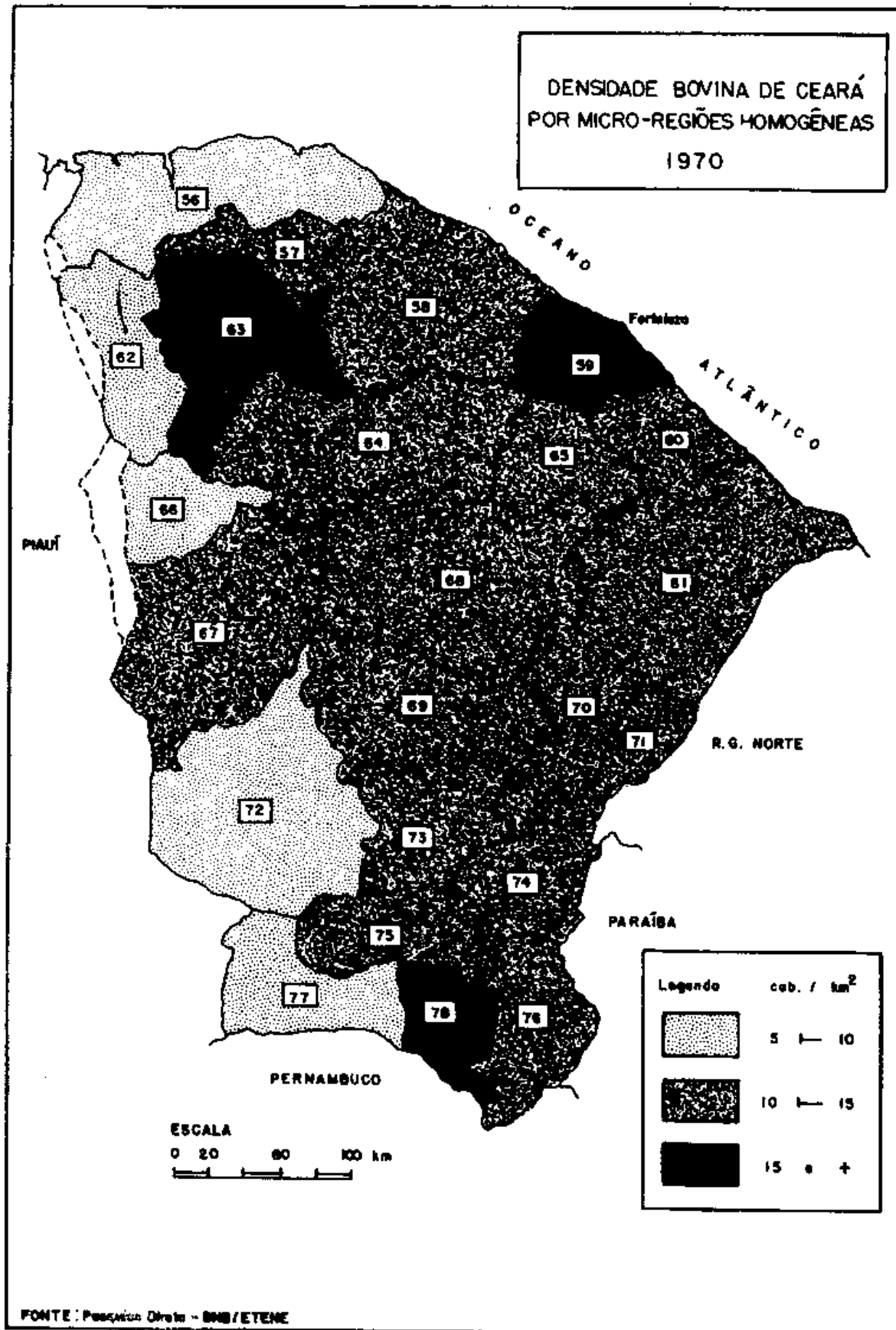
ESTADO DO CEARÁ

DADOS GERAIS SOBRE O REBANHO, ABATE E DESFRUTE DE BOVINOS

Micro-região	1 9 6 0				
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.
1. Litoral Camocim e Acaraú	8.620	58.607	6,8	146.384	0,4
2. Baixo Médio Acaraú	2.448	21.218	8,7	40.221	0,5
3. Uruburetama	10.808	100.363	9,3	252.604	0,4
4. Fortaleza	3.483	33.697	9,7	654.645	0,1
5. Litoral de Pacajus	3.172	17.335	5,5	82.867	0,2
6. Baixo Jaguaribe	11.994	83.037	6,9	190.113	0,4
7. Ibiapaba	4.786	27.947	5,8	152.268	0,2
8. Sobral	7.267	89.286	12,3	227.021	0,4
9. Sertões de Canindé	9.902	75.505	7,6	100.250	0,8
10. Serra de Baturité	3.822	24.623	6,4	153.745	0,2
11. Ibiapaba Meridional	3.418	26.179	7,7	62.451	0,4
12. Sertões de Crateús	11.066	115.809	10,5	111.481	1,0
13. Sertões de Quixeramobim	13.409	134.770	10,1	176.059	0,8
14. Sertões de Senador Pompeu	7.780	81.164	10,4	116.722	0,7
15. Médio Jaguaribe	4.539	52.482	11,6	43.002	1,2
16. Serra do Pereiro	2.060	23.332	11,3	36.109	0,6
17. Sertão dos Inhamuns	11.755	96.487	8,2	83.279	1,2
18. Iguatu	6.334	65.541	10,3	130.586	0,5
19. Sertão do Salgado	4.437	54.137	12,2	104.538	0,5
20. Serrana do Carriagu	3.822	39.598	10,4	94.205	0,4
21. Sertão do Cariri	5.037	59.213	11,8	118.840	0,5
22. Chapada do Araripe	5.162	33.768	6,5	61.945	0,5
23. Cariri	2.901	40.240	13,9	198.521	0,2
	148.016	1.354.338	9,1	3.337.856	0,4

Fonte: Pesquisa Direta — BNB/ETENE.

		1 9 7 0						
Abate Cab.	Desfrute Abate/ Rebanho %	Área Km2	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km2	População Humana N.º Hab.	Relação Boy./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/ Rebanho %
3.436	5,8	8.620	78.083	9,1	179.889	0,4	3.969	5,0
1.080	5,0	2.440	32.668	13,4	52.550	0,6	684	2,0
5.931	5,9	10.717	129.971	12,1	302.506	0,4	4.767	3,6
79.090	234,7	3.483	60.633	17,4	1.053.333	0,1	144.016	237,5
2.292	13,2	3.172	17.106	5,4	102.276	0,2	2.684	15,6
5.767	6,9	11.943	123.539	10,3	255.412	0,5	6.635	5,3
5.248	18,7	4.786	30.405	6,4	176.381	0,2	5.857	19,2
10.732	12,0	7.177	138.396	19,3	288.229	0,5	10.745	7,7
3.158	4,1	9.666	108.718	11,2	143.953	0,8	2.573	2,3
3.175	12,8	3.822	28.913	7,6	170.382	0,2	4.497	15,5
1.182	4,5	3.418	33.760	9,9	82.356	0,4	1.346	3,9
3.437	2,9	11.066	133.076	12,0	167.284	0,8	3.634	2,7
2.948	2,1	13.050	156.408	12,0	231.493	0,7	4.066	2,5
2.576	3,1	7.768	92.602	11,9	160.133	0,6	2.723	2,9
878	1,6	4.535	65.786	14,5	54.786	1,2	1.654	2,5
486	2,0	2.060	26.784	13,0	43.247	0,6	368	1,3
1.323	1,3	11.742	95.436	8,1	124.390	0,8	2.295	2,4
5.838	8,9	6.021	84.281	14,0	189.563	0,4	6.190	7,3
2.914	5,3	4.429	54.346	12,3	124.147	0,4	3.090	5,6
1.818	4,5	3.822	46.033	12,0	116.376	0,4	1.406	3,0
3.052	5,1	5.026	75.040	14,9	147.557	0,5	4.035	5,3
1.734	5,1	5.153	43.284	8,4	79.543	0,5	1.525	3,5
13.192	32,7	2.901	49.110	16,9	245.804	0,2	16.671	33,9
161.287	11,9	146.817	1.704.378	11,6	4.491.590	0,4	235.430	13,8



Ultimamente a atividade pecuária tem-se mostrado bastante promissora. Mesmo com a taxa de crescimento mais elevada da população, no período 1969/1970, o número de bovinos em relação ao número de habitantes no Ceará manteve-se inalterado.

A tabela 9 apresenta indicações mais detalhadas da situação do rebanho bovino no período em referência.

4.1.4. *Estado do Rio Grande do Norte*

Esse Estado é considerado como importador de gado para abate, porquanto a produção local não atende às suas necessidades de consumo.

A tabela 10 mostra a pequena relação bovino/habitante do Estado, que era de apenas 0,4 em 1970.

De modo semelhante ao que ocorre nos demais Estados do Nordeste, a taxa de desfrute de 13,0% verificada em 1970 só foi possível ser atingida devido ao baixo consumo nos meios rurais, em decorrência da renda insuficiente dessas populações, bem como das importações de gado vivo de outros Estados, notadamente da Bahia.

As regiões de Açu e Apodi, Agreste e ainda Seridó detêm os maiores efetivos estaduais e são responsáveis por parcela considerável do gado consumido em Natal.

4.1.5. *Estado da Paraíba*

Segundo informações colhidas em pesquisa de campo, as melhores zonas de criar se localizam nos seguintes municípios: Guarabira, Alagoa Grande, Pilar, Itabaiana, Mogeiro, Salgado de S. Félix, Ingá, Juárez Távora, Campina Grande e Mulungu.

Essa unidade federativa também se classifica como importadora de gado de outras áreas do Nordeste, embora em menor escala do que o Rio Grande do Norte.

Nos municípios acima citados existem excelentes condições naturais de desenvolver uma pecuária de corte e leite.

Tabela 10

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Desfrute de Bovinos

Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %
1. Salineira NorteRio-grandense	6.855	29.541	4,3	104.138	0,3	11.563	39,1	6.334	40.863	6,5	179.657	0,2	17.502	42,8
2. Litoral de S. Bento Norte	2.599	7.434	2,9	21.078	0,4	458	6,1	2.113	7.754	3,7	31.178	0,2	132	1,7
3. Açú e Apodi	9.360	80.055	8,6	104.631	0,8	3.474	4,3	9.829	93.256	9,5	141.444	0,7	5.545	5,9
4. Sertão de Angicos	4.248	29.387	6,9	40.023	0,7	2.218	7,5	4.256	30.110	7,1	55.481	0,5	2.352	7,8
5. Serra Verde	3.911	24.044	6,1	52.247	0,5	1.558	6,4	4.382	32.880	7,5	70.853	0,5	1.853	5,6
6. Natal	4.223	39.374	9,3	328.893	0,1	19.598	49,7	3.996	56.342	14,1	478.931	0,1	33.060	58,6
7. Serrana Norte Rio-grandense	5.021	60.840	12,1	135.987	0,4	4.626	7,6	5.120	77.391	15,1	185.194	0,4	5.807	7,5
8. Seridó	9.404	101.755	10,8	146.293	0,7	7.475	7,3	9.372	122.455	13,1	198.504	0,6	5.662	4,6
9. Borborema Potiguar	4.040	45.564	11,3	88.621	0,5	2.727	5,9	4.104	48.548	11,8	111.009	0,4	1.710	3,5
10. Agreste Potiguar	3.354	58.731	17,5	135.347	0,4	4.542	7,7	3.509	93.132	26,5	159.355	0,6	4.872	5,2
T O T A L	53.015	476.725	9,2	1.157.258	0,4	58.239	11,9	53.015	602.731	11,4	1.611.606	0,4	78.495	13,0

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.

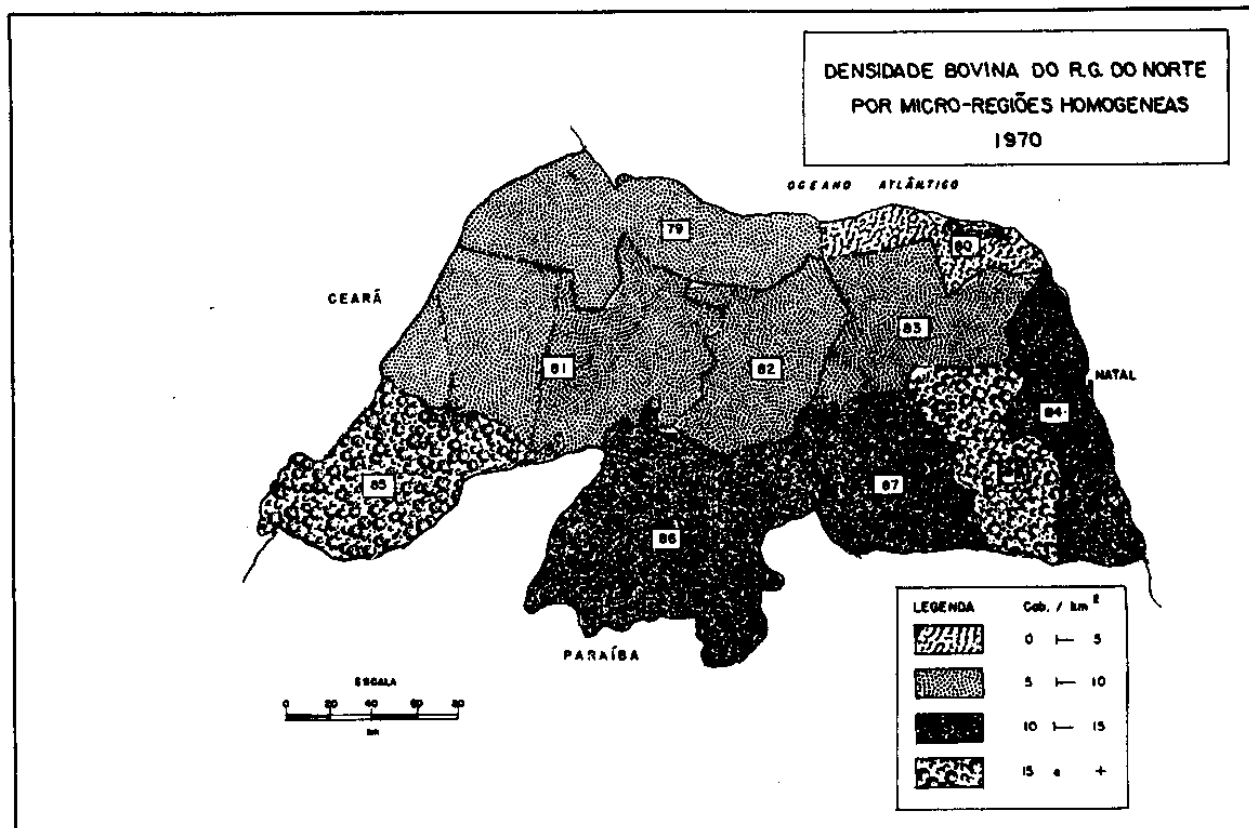


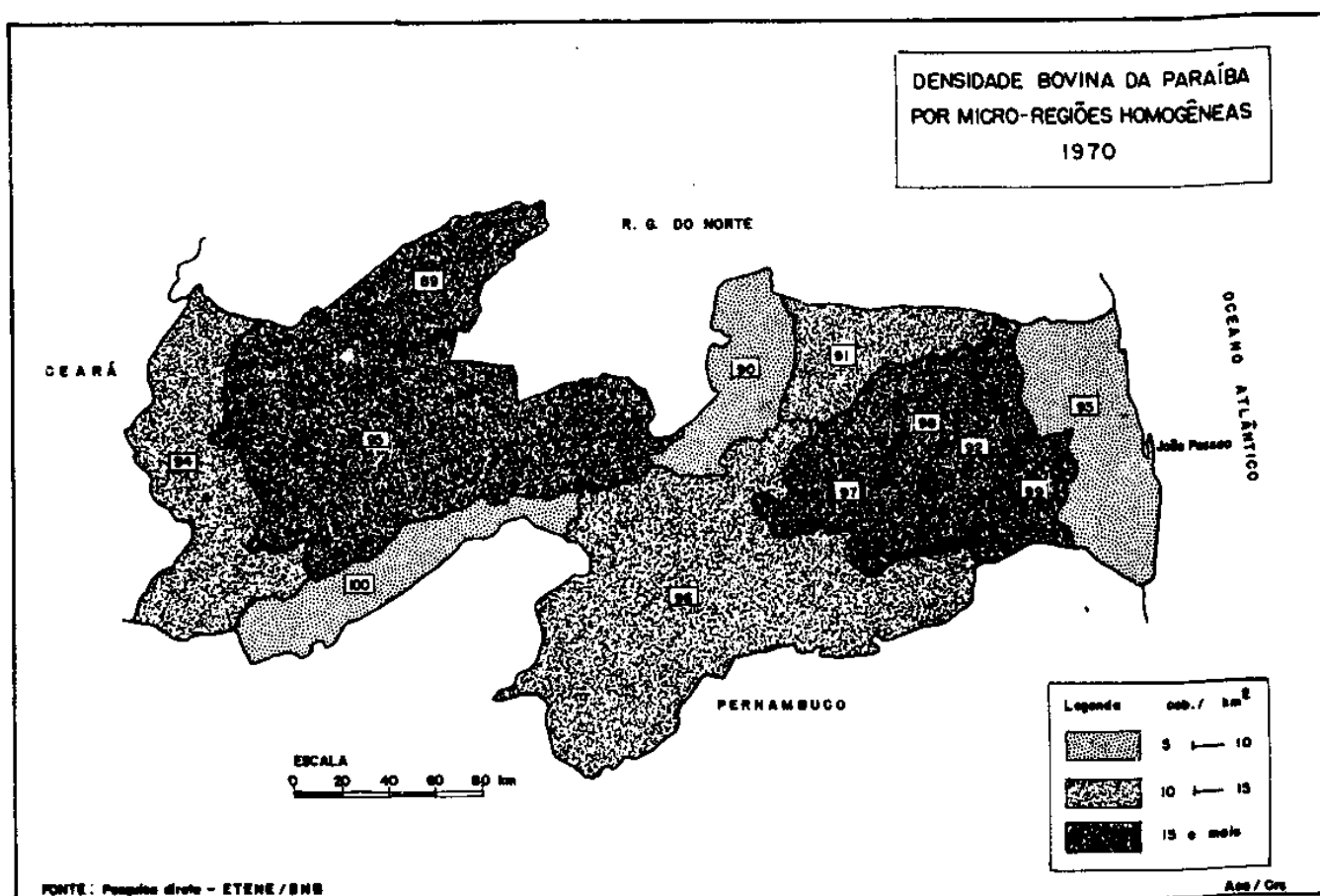
Tabela 11

ESTADO DA PARAÍBA

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Desfrute de Bovinos

Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %
1. Catolé do Rocha	2.919	43.210	14,8	68.845	0,6	1.614	3,7	2.959	50.694	17,1	87.890	0,6	1.438	2,8
2. Seridó Paraibano	2.487	17.837	7,2	57.872	0,3	3.828	21,4	2.669	23.283	8,7	53.866	0,4	1.662	7,1
3. Curimataú	2.755	28.328	10,3	79.894	0,4	1.971	6,9	2.755	35.827	13,0	91.661	0,4	2.897	8,0
4. Piemonte da Borborema	2.367	79.502	33,6	205.733	0,4	11.433	14,3	2.345	100.726	43,0	205.982	0,5	6.041	5,9
5. Litoral Paraibano	4.316	23.486	5,4	374.517	0,1	18.159	77,3	4.316	35.740	8,3	499.350	0,1	33.789	94,5
6. Sertão de Cajazeiras	4.649	66.899	14,4	154.760	0,4	6.738	10,0	5.567	83.687	15,0	200.551	0,4	2.597	3,1
7. Depressão do Alto Piranhas	13.367	182.645	13,7	289.636	0,6	14.716	8,0	12.409	189.102	15,2	368.897	0,5	12.092	
8. Cariris Velhos	14.027	164.319	11,7	185.085	0,9	4.855	2,9	13.845	161.351	11,7	220.331	0,7		
9. Agreste da Borborema	3.661	75.783	20,7	289.952	0,3	18.038	23,8	3.661	88.906	24,3	359.085	0,2		
10. Brejo Paraibano	1.105	17.619	15,9	132.758	0,1	3.754	21,3	1.105	22.292	20,2	129.868	0,2	3.157	14,1
11. Agropastoril do Baixo Paraíba	1.676	47.071	28,1	134.089	0,4	5.707	12,1	1.698	51.447	30,3	139.573	0,4	4.756	9,2
12. Serra do Teixeira	3.043	19.590	6,4	68.902	0,3	2.473	12,6	3.043	20.100	6,6	88.365	0,2	1.662	8,2
T O T A L	56.372	766.289	13,6	2.018.023	0,4	93.286	12,1	56.372	863.155	15,3	2.445.419	0,4	102.062	11,8

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.



Os maiores rebanhos estão situados nas micro-regiões seguintes: Depressão do Alto Piranhas, Cariris Velhos, Piemonte da Borborema e Agreste da Borborema (tabela 11).

Pode-se considerar de três tipos a exploração de gado na Paraíba: 1) o da região do Sertão; 2) o da região dos Cariris; e 3) o das regiões do Baixo Paraíba e Piemonte da Borborema.

Qualquer delas pode ser reputada como exportadora de gado para abate em João Pessoa, embora sejam diferentes seus sistemas de criação.

Assim, na exploração das regiões do Baixo Paraíba e Piemonte da Borborema predominam animais de sangue zebu (puros e mestiços). A alimentação é feita a campo, à base de pastagens artificiais. Há uma tendência a racionalizar a exploração.

A exploração da região dos Cariris é extensiva, com alimentação à base de pastos nativos no período invernos e de palma na época seca.

A oferta de alimentos protéicos é precária, constituindo um dos pontos de estrangulamento do sistema. A água para o rebanho é fornecida pela pequena açudagem.

A criação de bovinos no Sertão também é muito extensiva na época chuvosa. Faz parte do complexo boi-algodão e culturas de subsistência.

Tanto na região dos Cariris como no Sertão os animais são mestiços zebuínos, com predominância do sangue hindubrasil.

4.1.6. *Estado de Pernambuco*

As melhores zonas de criar são os municípios localizados no Agreste e Sertão. Nos municípios da zona da Mata ainda persistem problemas de ordem sanitária.

Dentre outros, citam-se como boas zonas pecuárias do Estado os municípios de Limoeiro, Surubim, Pesqueira, Alagoinha e Venturoso.

As maiores zonas exportadoras de gado, em 1970, entendendo-se apenas como tal as remessas de gado para abate ao Recife, eram as do Vale do Ipojuca, Agreste Meridional Pernambucano, Agreste Setentrional Pernambucano e Sertão Pernambucano do S. Francisco.

O desfrute estadual em 1970 foi da ordem de 26,9%, representando quase o dobro do Nordeste como um todo.

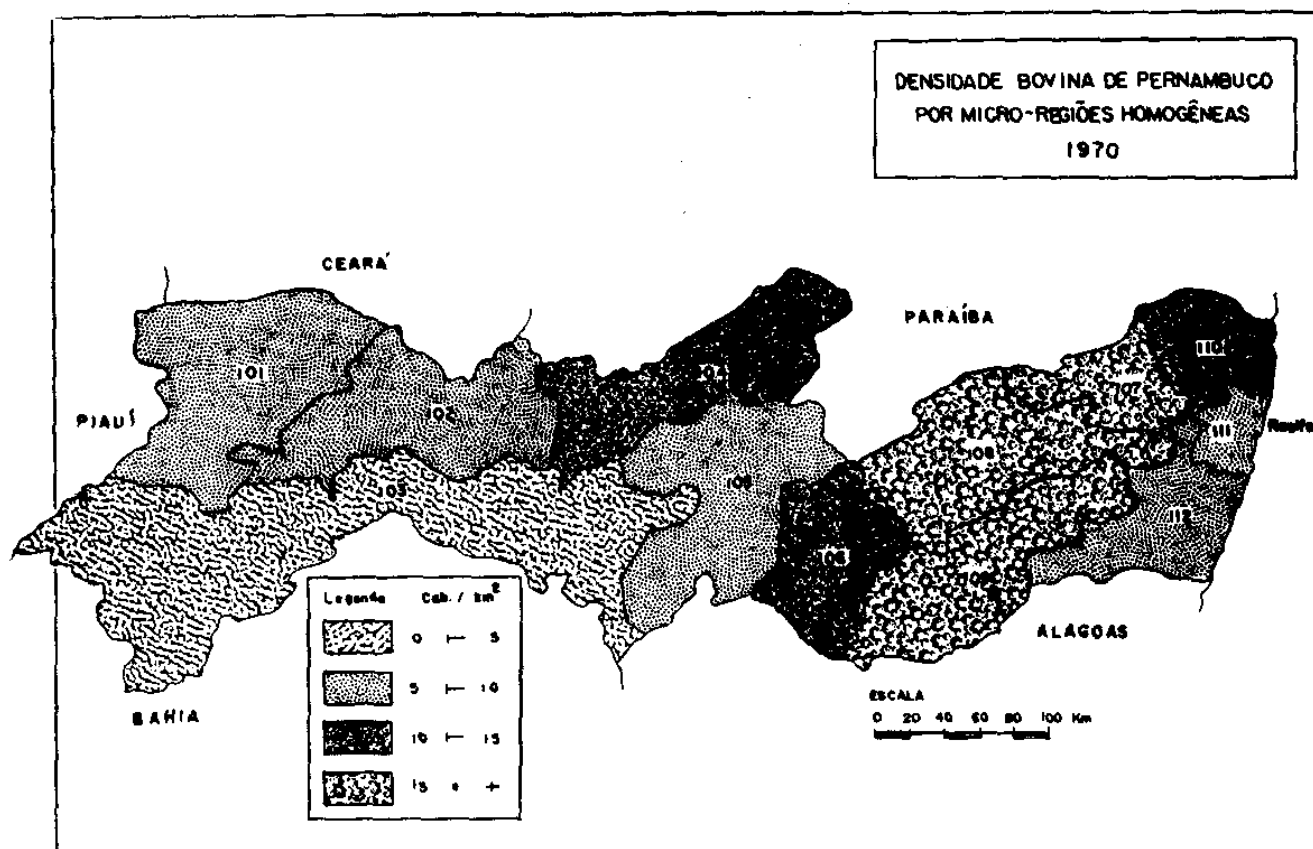
Tabela 12

ESTADO DE PERNAMBUCO

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Desfrute de Bovinos

Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %
1. Araripina	11.327	64.736	5,7	128.565	0,5	4.981	7,6	11.792	85.057	7,2	185.249	0,5	6.403	7,5
2. Salgueiro	9.565	59.066	6,2	80.049	0,7	1.920	3,2	9.100	58.322	6,4	113.470	0,5	4.421	7,5
3. Sertão Pernambucano de São Francisco	23.274	90.113	3,9	111.066	0,8	5.537	6,1	23.274	111.787	4,8	183.417	0,6	10.403	9,3
4. Alto Pajeú	8.633	78.929	9,1	193.260	0,4	8.712	11,0	8.633	90.728	10,5	255.926	0,4	11.194	12,3
5. Sertão do Moxotó	9.804	53.576	5,5	88.920	0,6	3.397	6,3	9.804	64.709	6,6	105.546	0,6	3.031	4,6
6. Arcoverde	5.932	76.048	12,8	123.437	0,6	6.392	8,4	5.582	80.006	14,3	168.313	0,5	6.775	8,4
7. Agreste Setentrional Pernambucano	3.269	85.387	26,1	371.899	0,2	14.083	16,4	3.441	142.978	41,6	394.009	0,4	19.004	13,2
8. Vale do Ipojuca	8.457	182.662	21,6	437.778	0,4	26.960	14,7	8.117	195.998	24,1	539.889	0,4	28.248	14,4
9. Agreste Meridional Pernambucano	6.992	146.040	20,9	540.678	0,3	26.743	18,3	7.574	237.153	31,3	564.317	0,4	26.044	10,9
10. Mata Seca Pernambucana	3.592	29.979	8,3	399.130	0,1	16.971	56,6	3.706	45.125	12,2	456.037	0,1	20.454	45,3
11. Recife	1.649	14.975	9,1	1.197.045	0,01	108.416	723,9	1.649	15.961	9,7	1.760.730	0,00	157.780	988,5
12. Mata Úmida Pernambucana	5.787	48.554	8,4	465.073	0,1	24.519	50,4	5.609	55.529	9,9	528.686	0,1	24.257	43,6
T O T A L	98.281	930.065	9,5	4.136.900	0,2	248.631	26,7	98.281	1.183.353	12,0	5.252.590	0,2	318.014	26,9

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.



No abate, entretanto, estão computados mais de 100.000 cabeças de gado importadas de fora de suas fronteiras, notadamente da Bahia, Minas Gerais e outros Estados do Nordeste.

De acordo com os dados do Censo de 1970, Pernambuco figura com a menor relação bovino/habitante (0,2) da Região, embora se classifique como segundo maior centro consumidor de carne bovina (ver tabela 12).

4.1.7. *Estado de Alagoas*

O Estado tem pequeno efetivo bovino, embora o nível de desfrute (cerca 13%) seja igual ao do Nordeste em 1970.

Referida percentagem reflete naturalmente as importações de gado, notadamente da Bahia.

As maiores concentrações de gado de corte acham-se localizadas nos municípios de Quebrângulo, Paulo Jacinto, Viçosa, Anadia, Maribondo e Mar Vermelho.

O Estado tem condições de tornar-se grande produtor de matrizes e reprodutores selecionados, notadamente nas zonas que hoje são centros de produção leiteira.

As micro-regiões de Batalha, Palmeira dos Índios e Mata Alagoana detinham os maiores efetivos de gado bovino à época da pesquisa (ver tabela 13).

A atividade pecuária no Estado está assim distribuída:

1. Na Zona da Mata: produção de bezerros com o aproveitamento dos olhos da cana-de-açúcar;
2. No Agreste: gado de corte — recria e engorda;
3. No Sertão: Localiza-se a bacia leiteira do Estado, presentemente mudando para pecuária de corte.

Parte do gado de corte de Alagoas provém dos Estados de Minas Gerais e de Sergipe. O gado de criar é de produção local.

4.1.8. *Estado de Sergipe*

As principais zonas criadoras de gado bovino estão localizadas no vale do rio Sergipe (Município de N. Senhora das Dores, Frei Paulo, Carira); no vale do Vasa Barris (Simão Dias); no vale do Piauí (Lagarto); no vale do rio Real (Tobias Barreto); no vale do rio São Francisco e no vale do rio Piau.

Tabela 13

ESTADO DE ALAGOAS

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Destrute de Bovinos

Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Destrute Abate/Reb. %	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Destrute Abate/Reb. %
1. Sertão Alagoano	4.023	38.436	9,6	72.021	0,5	3.416	8,8	4.084	45.828	11,2	89.795	0,5	3.244	7,0
2. Batalha	4.836	119.136	24,6	135.250	0,9	7.532	6,3	4.836	110.845	22,9	169.577	0,7	8.946	8,0
3. Palmeira dos Índios	2.046	76.398	37,3	134.801	0,6	5.646	7,3	3.561	99.135	27,8	158.308	0,6	11.120	11,2
4. Mata Alagoana	4.609	66.207	14,4	307.996	0,2	9.919	14,9	5.138	79.989	15,6	340.090	0,2	12.292	15,3
5. Litoral Norte-Alagoano	2.205	15.704	7,1	83.278	0,2	1.929	12,2	1.823	16.776	9,2	88.914	0,2	1.626	9,6
6. Arapiraca	4.215	60.848	14,4	174.201	0,3	7.698	12,6	3.722	78.891	21,2	247.181	0,3	10.322	13,0
7. Tabuleiro de S. Miguel	2.331	7.515	3,2	61.135	0,1	1.862	24,6	2.241	13.012	5,8	83.074	0,2	2.741	21,0
8. Maceió	1.544	10.276	6,7	235.722	0,04	18.086	176,0	1.366	16.821	12,3	350.981	0,04	9.838	58,4
9. Penedo	1.842	17.134	9,3	66.658	0,3	2.938	17,1	1.941	18.486	9,5	78.254	0,2	2.539	13,7
T O T A L	27.652	411.654	14,9	1.271.062	0,3	59.026	14,3	27.652	479.783	17,3	1.606.174	0,3	62.668	13,0

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.

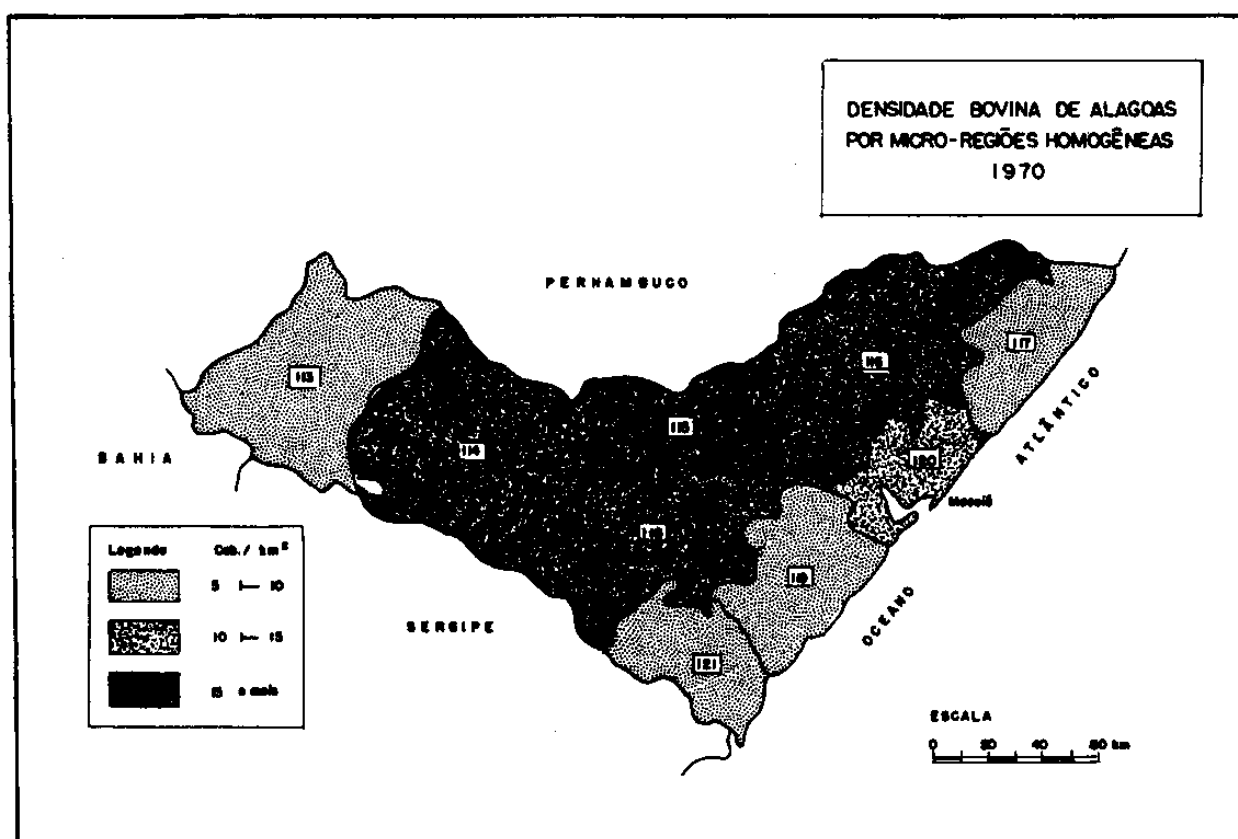


Tabela 14

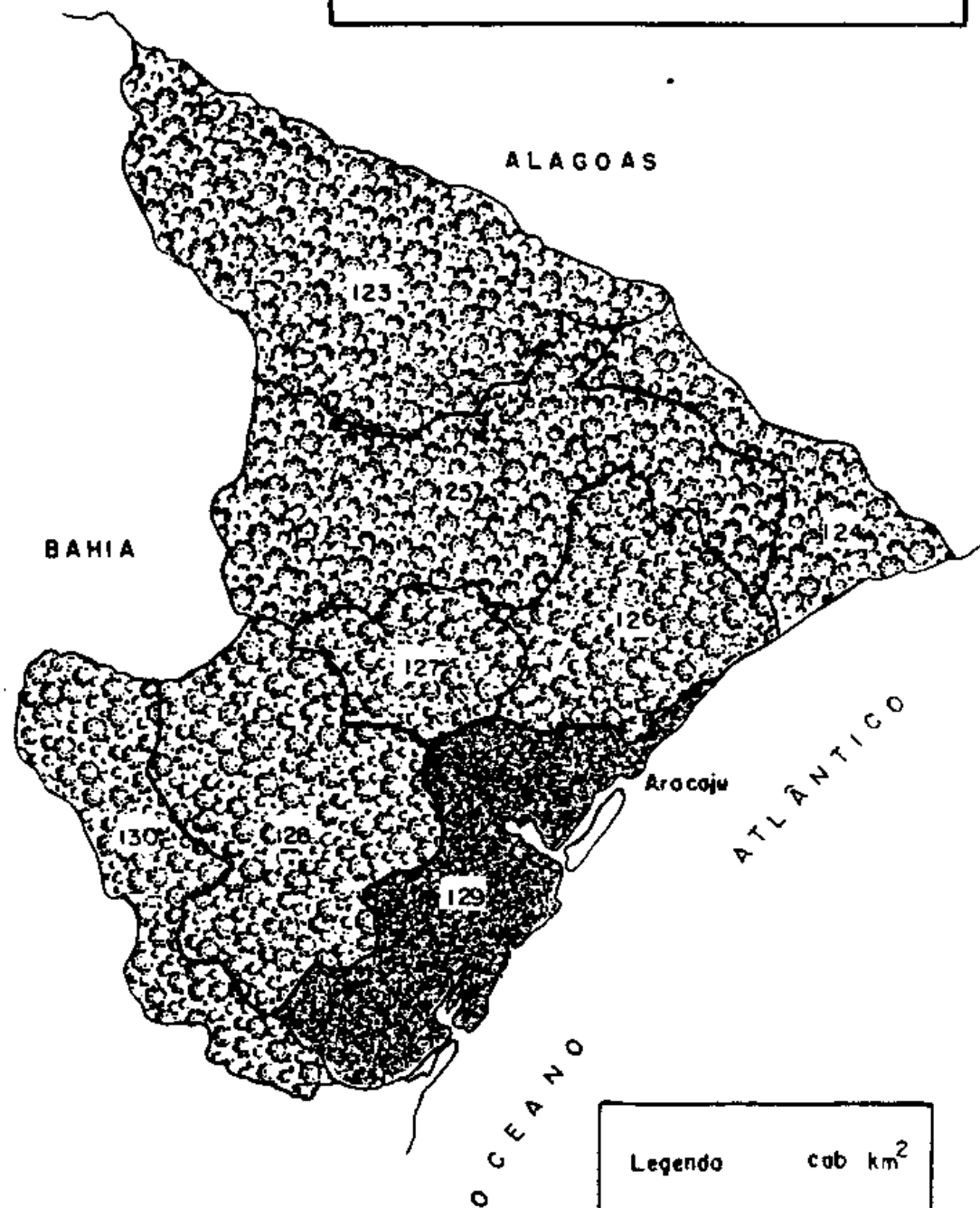
ESTADO DE SERGIPE

Dados Gerais sobre o Rebanho, Abate, Desfrute de Bovinos

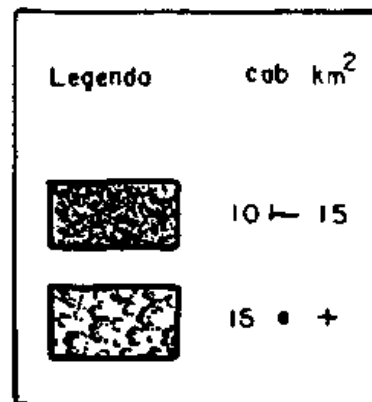
Micro-Região	1 9 6 0							1 9 7 0						
	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %	Área Km ²	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km ²	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Reb. %
1 Sertão Sergipano do São Francisco	4.699	46.103	9,8	37.069	1,2	3.091	6,7	4.715	71.952	15,3	61.074	1,2	2.982	4,1
2. Propriá	1.456	28.227	19,4	68.882	0,4	3.867	13,6	1.451	33.034	22,8	74.990	0,4	5.310	16,0
3. N. Senhora das Dores	4.278	140.700	32,9	110.100	1,3	13.922	9,8	4.261	197.268	46,3	121.436	1,6	16.479	8,3
4. Cotinguiba	2.197	68.528	31,2	81.497	0,8	7.025	10,2	2.072	72.217	34,9	85.210	0,8	5.048	6,9
5. Agreste de Itabaiana	1.044	26.839	25,7	73.394	0,4	9.076	33,8	1.175	35.825	30,5	81.203	0,4	9.331	26,0
6. Agreste de Lagarto	3.359	108.339	32,3	139.870	0,8	11.813	10,9	3.358	116.759	34,8	151.477	0,8	12.485	10,6
7. Litoral Sul Sergipano	2.955	37.352	12,6	207.459	0,2	10.084	26,9	2.984	40.477	13,6	284.301	0,1	19.701	48,6
8. Sertão do Rio Real	2.006	38.557	19,2	42.002	0,9	3.285	8,5	1.978	46.231	23,4	51.560	0,9	3.637	7,8
T O T A L	21.994	494.645	22,5	760.273	0,7	62.163	12,5	21.994	613.763	27,9	911.251	0,7	74.973	11,4

Fonte: Pesquisa direta BNB/ETENE.

DENSIDADE BOVINA DE SERGIPE
POR MICRO-REGIÕES HOMOGÊNEAS
1970



ESCALA
0 16 32 48
km



FONTE: Pesquisa Direta - BNB/ETENE

Tabela 15

ESTADO DA BAHIA

DADOS GERAIS SOBRE O REBANHO, ABATE E DESFRUTE DE BOVINOS

Micro-região	1 9 6 0				
	Área Km2	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km2	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.
1. Chapadões do Alto Rio Grande	72.635	192.922	2,6	112.862	1,7
2. Chapadões Rio Corrente	40.615	115.885	2,8	100.001	1,1
3. Baixo Médio São Francisco	73.212	216.973	3,0	167.429	1,3
4. Médio São Francisco	17.720	80.138	4,5	61.432	1,3
5. Chapada Diamantina Setentrional	21.331	130.516	6,1	144.809	0,1
6. Chapada Diamantina Meridional	47.822	232.576	4,9	330.884	0,7
7. Serra Geral da Bahia	34.778	325.717	9,4	326.874	1,0
8. Senhor do Bonfim	18.125	108.462	6,0	125.439	0,9
9. Piemonte da Diamantina	23.193	327.894	14,1	273.359	1,2
0. Corredeiras São Francisco	17.700	60.733	3,4	78.129	0,8
1. Sertão de Canudos	21.899	102.600	4,7	156.325	0,7
2. Serrinha	10.941	162.740	14,9	179.165	0,9
3. Feira de Santana	14.827	246.973	16,7	404.772	0,6
14. Jequié	15.001	150.511	10,0	336.565	0,4
15. Planalto Conquista	17.988	240.249	13,3	257.387	0,9
16. Pastoril de Itapetinga	10.181	558.312	54,8	134.265	4,2
17. Sertão Paulo Afonso	15.885	50.848	3,2	72.640	0,7
18. Agreste de Alagoinhas	12.777	182.968	14,3	315.797	0,6
19. Litoral Norte Baiano	4.635	47.312	10,2	61.652	0,8
20. Salvador	3.733	39.461	10,6	765.884	0,1
21. Recôncavo Baiano	6.798	134.572	19,8	470.005	0,3
22. Tabuleiros de Valença	7.264	7.520	1,0	122.701	0,1
23. Encosta do Planalto de Conquista	5.106	268.679	52,6	167.071	1,6
24. Cacaueira	18.831	314.397	16,7	556.430	0,6
25. Interiorana do Extremo Sul da Bahia	2.419	127.346	52,6	140.407	0,9
26. Litorânea do Extremo Sul da Bahia	24.505	168.694	6,9	128.271	1,3
	559.921	4.594.998	8,2	5.990.605	0,8

(*) Inclusive 30 Km2 de áreas de ilhas.

Fonte: Pesquisa Direta — BNB/ETENE.

		1 9 7 0						
Abate Cab.	Desfrute Abate/Rebanho %	Área Km2	Rebanho Cab.	Densidade Cab./Km2	População Humana N.º Hab.	Relação Bov./Hab.	Abate Cab.	Desfrute Abate/Rebanho %
7.088	3,6	72.676	194.879	2,7	145.718	1,3	8.875	4,5
6.284	5,4	40.307	177.441	4,4	136.629	1,3	10.907	6,1
7.414	3,4	74.873	195.708	2,6	222.397	0,9	12.606	6,4
2.173	2,7	18.232	122.480	6,7	96.535	1,3	5.297	4,3
4.860	3,7	21.963	143.126	6,5	219.278	0,7	9.689	6,7
18.672	8,0	45.891	269.171	5,9	381.715	0,7	20.486	7,6
16.898	5,1	35.091	374.348	10,7	412.294	0,9	33.998	9,0
8.205	7,5	18.306	103.347	5,6	165.914	0,6	21.541	20,8
22.400	6,8	22.837	423.278	18,5	334.530	1,3	19.556	4,6
2.553	4,2	22.631	100.732	4,5	109.087	0,9	4.487	4,4
7.845	7,6	21.823	154.768	7,1	211.531	0,7	7.277	4,7
11.171	6,8	10.872	215.761	19,8	242.793	0,9	17.474	8,0
34.120	13,8	14.809	361.251	24,4	515.609	0,7	100.890	27,9
21.492	14,2	15.557	202.374	13,0	353.874	0,6	34.895	17,2
24.963	10,3	17.045	265.734	15,6	321.349	0,8	32.166	12,1
15.660	2,8	10.251	670.047	93,3	143.993	4,7	19.399	2,8
2.480	4,8	10.954	64.176	5,9	112.680	0,6	6.607	10,2
18.299	10,0	12.755	224.210	17,6	363.035	0,6	21.018	9,3
2.935	6,2	5.013	49.566	9,9	67.658	0,7	5.697	11,4
69.472	176,0	3.377	25.405	7,5	1.217.483	0,02	111.566	439,1
48.474	36,0	6.497	105.477	16,2	484.093	0,2	51.777	49,0
5.364	71,3	6.245	8.525	1,4	140.819	0,1	6.813	79,9
7.448	5,5	7.964	514.167	64,6	170.544	3,0	20.116	3,9
48.802	15,5	17.091	185.543	10,9	637.502	0,3	59.863	32,2
4.061	3,1	9.440	317.281	33,6	189.267	1,7	16.095	5,0
8.378	4,9	17.421	156.072	9,0	186.813	0,8	18.006	11,5
427.511	9,3	*559.951	5.624.867	10,0	7.583.140	0,7	677.101	12,0

O abate em 1970 foi de, aproximadamente, 75 mil bovinos, atingindo o desfrute no mesmo ano 11,4%.

O Estado é grande produtor de gado de criar, notadamente de reprodutores e matrizes da raça hindubrasil.

São encontradas grandes fazendas de acabamento de gado da Bahia, que, posteriormente, se destina a suprir outros Estados, notadamente, Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Na tabela 14 são apresentados alguns dados básicos sobre o rebanho desse Estado nos anos de 1960 e 1970.

4.1.9. *Estado da Bahia*

A Bahia está colocada, entre os Estados brasileiros, em sexto lugar no setor da pecuária bovina. No Nordeste, ocupa o primeiro lugar, com um rebanho eqüivalente a mais de 45% do total regional.

Em 1970, dispunha de sete (7) micro-regiões homogêneas, que apresentavam um maior número de bovinos em relação ao número de habitantes, consideradas tecnicamente regiões superavitárias ou exportadoras.

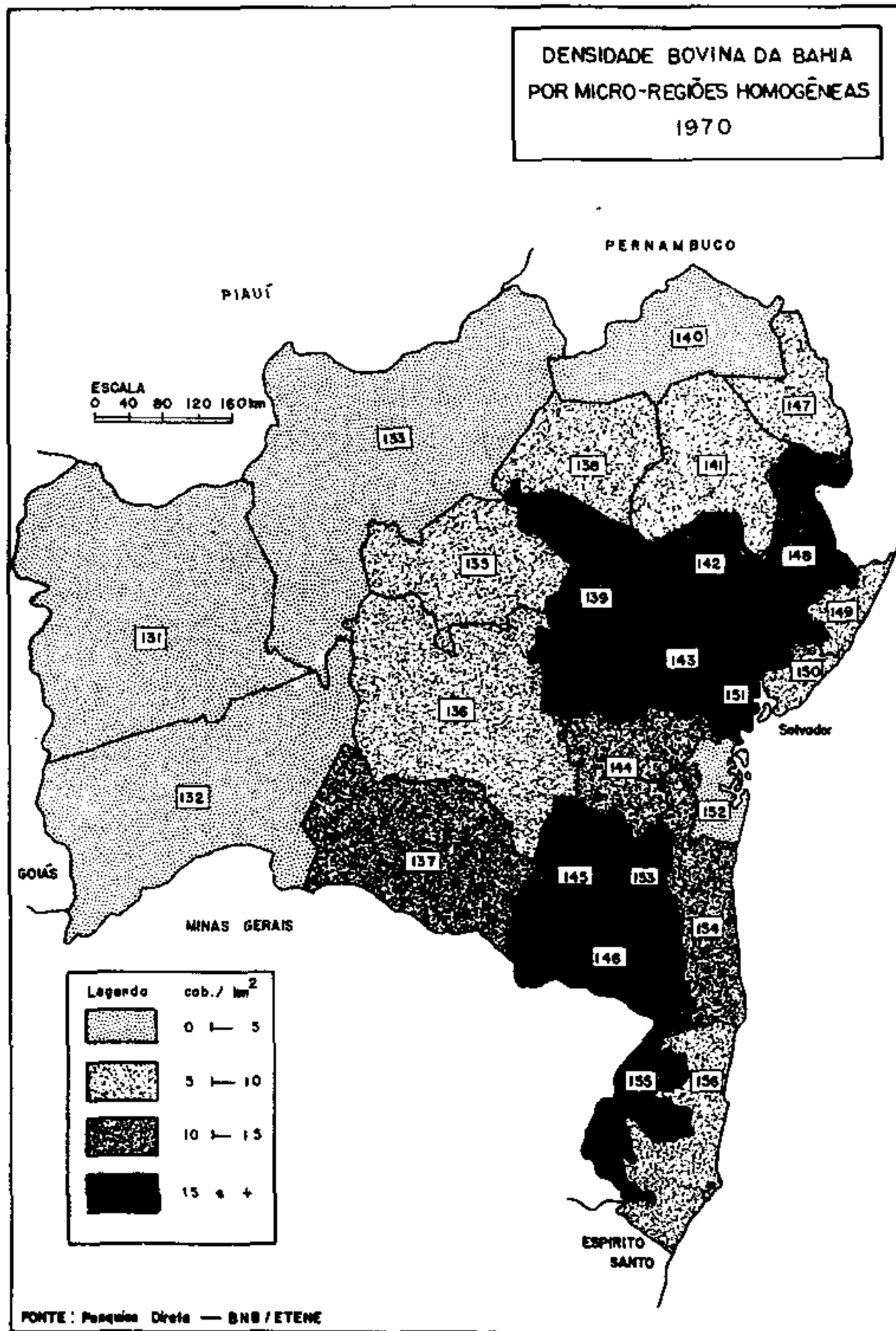
O rebanho bovino atingia, em 1970, 5,6 milhões de cabeças. O abate de 677 mil cabeças eqüivale a um índice de 12%, sem se contar com as exportações de gado vivo para outros Estados, num total aproximado de 100/150.000 cabeças/ano.

As maiores zonas de produção pecuária são: Pastoril de Itapeitinga, Encosta do Planalto de Conquista, Piemonte da Diamantina, Interiorana do Extremo Sul da Bahia, Feira de Santana, Chapada Diamantina Meridional e Planalto de Conquista, que apresentaram, em 1970, efetivos superiores a 200 mil bovinos por micro-região.

Essas zonas são, sem dúvida, centros exportadores por excelência, notadamente de gado para corte, e, em menor escala, de matrizes e reprodutores.

A tabela 15 encerra os dados gerais sobre o rebanho estadual, permitindo comparar a situação da pecuária baiana nos anos 1960 e 1970, segundo os censos realizados pela Fundação IBGE.

Apresenta-se, a seguir, uma relação de municípios que, atualmente, já são importantes centros de produção pecuária, bem como aqueles que figuram como de maior potencialidade para o desenvolvimento da atividade em pauta.



Mata

Ipitupá, Vitória da Conquista, Iguai, Ibicuí, Firmino Alves, Aurélio Leal, Itapetanga, Itapetinga, Santa Cruz da Vitória, Itajiré da Colônia, Jotiraguá, Itapeji (parte), Potiraguá, Macarani, Maiquinique, Itarantine, Itambé, Coatiba, Jequié, Barra do Rocha, Itagiba, Dario Meira, Floresta Azul, Nova Canaã (parte), Doções (parte), Encruzilhada (parte), Ipiáu (parte), Barra do Choça (parte).

Sertão

Palmas de Monta Alto (Rio Iniu), Malhada, Santana do Brejo, Santa Maria da Vitória, Urandi, Pindaé, Caribe, Cocas, Igaporã, Riacho de Santana, Bom Jesus da Lapa.

Agreste

Itaberaba, Rui Barbosa, Mundo Novo, Feira de Santana, Baixa Grande, Mairi, Macajuba, Piritiba.

Dentre as regiões de grande potencial pecuário, o litoral sul se destaca como grande criador de gado bovino, não só pelo número elevado do seu plantel, bem como pela qualidade racial apresentada.

Tendo surgido mais recentemente, a pecuária nessa região pode absorver técnicas mais modernas, logrando uma maior produtividade.

No extremo-sul, os municípios de Itanhem, Medeiros Neto, Prado e Itamaraju têm os maiores rebanhos. A área de pastagens cresceu de 169.554 hectares, em 1950, para 616.131 hectares, em 1960. Esse número poderá ter dobrado em 1970.

No Nordeste baiano o efetivo pecuário cresceu de 39,3%, de 1962 a 1968. Predomina aí o mestiço comum, de baixa rentabilidade, seja na pecuária de corte, seja na leiteira. Euclides da Cunha e Ribeira do Pombal são os principais produtores.

No presente trabalho procurou-se dimensionar a disponibilidade de matrizes e reprodutores nos diversos Estados. Somente através de projeções do efetivo bovino foi possível obter-se uma estimativa daqueles números ao nível estadual.

No que tange à Bahia, pelo menos para uma grande parte do Estado, foram obtidos dados mais precisos da disponibilidade de animais até julho de 1972. Os dados se referem ao cadastramento efetuado pelo Grupo de Erradicação da Febre Aftosa ⁽²⁾ na Bahia, que forneceu os registros de bovinos vacinados naquele ano.

⁽²⁾ Segundo informações colhidas durante a pesquisa, acredita-se que o número de animais vacinados pelo GERFAB represente mais de 90% do total existente em cada um dos municípios referidos.

4.1.10. Minas Gerais

O Estado de Minas Gerais constitui o maior centro de produção de gado de cria do Nordeste.

Observou-se, durante a pesquisa, que mesmo no Estado da Bahia ocorria falta de matrizes em número e qualidade suficientes para os grandes e médios projetos que se estão implantando na Região.

Em todas as entrevistas realizadas com fazendeiros ficou patenteada a necessidade de se recorrer à produção mineira para atendimento do "deficit" desses animais.

Dentre os municípios considerados como maiores supridores de gado citam-se os seguintes: Montes Claros, Almenara, Rubim, Pedra Azul, Salto da Divisa, Jacinto, Jordânia, Águas Formosas, Machados, Carlos Chagas, Nanuque, Joáima e Jequitinhonha.

A época da pesquisa, a fronteira dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo constituía um dos principais locais para compra de bois para recria.

5. FLUXO DE GADO DE CRIAR

5.1. Intensidade dos Fluxos — Atual e Pontencial

Uma das principais preocupações das entidades de crédito rural, quando do financiamento a grandes e médios projetos de cria e recria de bovinos, é que seus mutuários possam adquirir, com relativa facilidade, animais adequados aos seus respectivos tipos de exploração pecuária, dentro do programa de trabalho pré-estabelecido.

Assim sendo, com o objetivo de se examinar a situação da oferta atual e futura de bovinos de criar, foram colhidas informações a respeito das remessas dos principais centros exportadores de matrizes e reprodutores situados dentro e fora do Nordeste.

A tabela 16 apresenta a origem e destino de matrizes e reprodutores bovinos em trânsito pelo Posto Fiscal de Jaguaquara, Estado da Bahia, com destino ao Norte e Nordeste do País.

Tabela 17

PECUÁRIA BOVINA

Origem e Destino de Matrizes e Reprodutores Bovinos em Trânsito pelo Posto
de Jaguaquara, Bahia
Maio - Setembro 1972
(N.º de Animais)

Importadores	Exportadores			
	Minas Gerais	Bahia	Outros (1)	Total
Pará	535	503	80	1.118
Maranhão	116	136	189	441
Piauí	234	—	34	268
Ceará	386	324	78	788
Rio Grande do Norte	102	493	—	595
Paraíba	361	123	96	580
Pernambuco	1.217	379	100	1.696
Alagoas	2.023	174	17	2.214
Sergipe	1.353	1.257	—	2.610
Bahia	837	10.803	86	11.726
Total Norte/Nordeste	7.164	14.192	680	22.036

Fonte: GEFAB — Bahia — Setembro — 1972.

Nota: (1) Estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Observa-se que, no período correspondente a maio/setembro de 1972, foram importados pelo Nordeste aproximadamente 9.000 matrizes, notadamente do Estado de Minas Gerais, equivalente a cerca de 27.000 matrizes e reprodutores em um ano.

As importações acima se referem apenas às remessas de fora da Região. Contando-se com as exportações baianas no mesmo período com destino aos demais Estados nordestinos, aquele total se elevará para, aproximadamente, 50.000 matrizes e reprodutores provenientes dessas duas zonas exportadoras (Estados de Minas Gerais e Bahia).

5.2. Principais Centros Exportadores de Matrizes e Reprodutores para o Nordeste

Na tabela 17, estão relacionados os maiores centros de produção de bovinos de criar — matrizes e reprodutores, no período referente a maio — setembro de 1972.

NO ESTADO DE MINAS GERAIS, Montes Claros, Governador Valadares, Teófilo Medina, Almenara e Rubim; no Estado da Bahia, Itapetinga, Potiraguá, Itambé e Encruzilhada.

Quanto aos locais de compra para animais destinados ao corte, são os seguintes os principais centros de comercialização do gado vivo nos Estados de Minas Gerais e Bahia:

Bahia: Feira de Santana, Jequié, Itabuna, Vitória da Conquista, Jacobina, Senhor do Bonfim e Itapetinga.

Minas Gerais: Montes Claros, Governador Valadares, Teófilo Otoni, Pedra Azul, Jequitinhonha, Nanuque, Curvelo e Carlos Chagas.

Tabela 17

Pecuária Bovina

**Principais Centros Exportadores de Gado Bovino
Matrizes e Reprodutores (1.000 Cabeças)
Maio-Setembro 1972**

E S T A D O S			
Minas Gerais		Bahia	
Municípios	N.º Cabeças	Municípios	N.º Cabeças
Medina	1.324	Itapetinga	2.807
Almenara	759	Potiraguá	887
Rubim	726	Itambé	863
Salto da Divisa	448	Encruzilhada	844
Joáima	399	Ibicui	566
Pedra Azul	424	Jequié	477
Araçuaí	358	Brejões	432
Taiobeiras	252	Guanambi	392
Carlos Chagas	224	Ubaíra	363
Itamonte	208	Itororó	337
Munic. inc. área		Outros Municípios	6.415
BNB/SUDENE (1)	569		
Outros Municípios	1.550		
Total	7.233	Total	14.378

Fonte: GERFAB — Posto de Jaguaquara, Bahia — 1972.

Nota: (1) Francisco Sá, Salinas, S. João do Paraíso, Montes Claros e Janaúba (MG).

6. POTENCIAL DE EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA PELO NORDESTE

Este capítulo apresenta algumas informações sobre as possibilidades que teria o Nordeste de participar, a longo prazo, do mercado externo de carne bovina.

Atualmente, a região ainda depende em parte de importações de gado para cobrir o seu "deficit" de carne bovina. Assim, não teria, no momento, condições de pretender ingressar no sofisticado mercado internacional de carnes. Entretanto, à guisa de subsídios, apresenta-se algumas informações de caráter geral sobre o assunto.

O parque industrial de carnes instalado no Nordeste ainda é bastante pequeno e apenas orientado para o atendimento do consumo local. Com exceção de apenas um ou dois frigoríficos, os demais não têm condições de vir a participar de algum esforço visando a exportação de carnes.

Assim, apenas o Frigorífico de Norte de Minas Gerais, (FRIGONORTE), que já participa de exportações de carne para o mercado europeu, pode ser considerado de porte adequado àquela atividade.

O Nordeste, bem como as demais regiões brasileiras, não utiliza plenamente a capacidade instalada de abate de bovinos, o que pode ser observado na tabela 18.

A capacidade diária de abate de bovinos, por Estado, pode ser vista na tabela 19, elaborada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária.

6.1. *Informe Sobre o Mecanismo de Exportação de Carne Bovina*

6.1.1. *Características mais Importantes do Mercado Internacional de Carnes*

No Brasil, a exportação de carne bovina vem crescendo de modo promissor e constitui uma importante fonte de divisas, principalmente, a partir de 1968. O Mercado Internacional apresenta-se franco para o produto e os preços mostram tendência altista.

Tabela 18

**Capacidade de Abate Instalada, Utilizada e Ociosa
Regiões Fisiográficas — 1970/71**

REGIÕES	Capacidade Diária Mínima		Capacidade Anual Instalada (Cabeças/Ano)	Capacidade Anual Utilizada 1970 (Cabeças/Ano)	Capacidade Ociosa %
	(Cabeças/Dia)	%			
Norte	1.372	2,4	411.600	242.783	41,0
Nordeste	8.961	15,6	2.688.300	982.701	63,4
Sudeste	28.082	49,0	8.424.600	2.956.009	64,9
Sul	13.611	23,8	4.083.300	948.125	76,8
Centro-Oeste	5.282	9,2	1.584.600	599.508	62,2
BRASIL	57.308	100,0	17.192.400	5.729.126	66,7

Fonte: CEPEN (Convênio MA/CONDEPE) — Pesquisa Direta.

Tabela 19

NORDESTE

**Capacidade Diária de Abate de Bovinos
1971**

Estados	Capacidade de Abate (Cab/Dia)	
	Mínima (1)	Máxima (2)
Maranhão	313	699
Piauí	432	686
Ceará	1.669	3.612
Rio Grande do Norte	682	2.817
Paraíba	440	1.172
Pernambuco	2.274	4.158
Alagoas	403	747
Sergipe	1.233	3.351
Bahia	1.515	4.805
NORDESTE	8.961	22.047
BRASIL	57.308	104.248

Fonte: CEPEN (Convênio MA/CONDEPE) — Pesquisa direta.

Notas: (1) Chamou-se de capacidade mínima de abate a capacidade total obtida nos 1.062 estabelecimentos pesquisados;

Notas: (2) Capacidade máxima correspondente à capacidade estimada por inferência.

O preço, a qualidade e a oferta sem grandes oscilações, compõem os requisitos básicos para consolidar e aprimorar a conquista do mercado internacional de carne e manter uma tradição de país exportador.

Visando esse objetivo, é necessário conhecer as características do mercado internacional, principalmente aquelas referentes ao aspecto qualitativo, que são as seguintes:

- a) Preferência do produto originário de regiões onde exista combate a epizootias;
- b) melhores cotações para a carne sem osso e para os cortes especiais com osso;
- c) diversidade de preços para diferentes tipos de carne e de corte;
- d) acentuada preferência pela carne de melhor qualidade e pelas peças traseiras, em relação às dianteiras;
- e) crescimento lento do mercado de carnes processadas, que sofre a concorrência das grandes exportações de carne não processadas da Austrália e Nova Zelândia;
- f) preferência de carne magra, tenra, procedente de carcaças de animais jovens de rápido crescimento.

O aspecto sanitário adquire grande importância no comércio internacional de carnes, existindo restrições em alguns países importadores para a entrada do produto oriundo de países onde não se faz o combate a epizootias, especialmente à febre aftosa.

6.1.2. *Situação do Mercado Internacional de Carne em fins de 1972*

O mercado mundial de carnes apresentava as seguintes características em fins de 1972:

Mercado Comum Europeu: A elevação crescente do nível de renda na Europa Ocidental (bem como nos Estados Unidos) vem aumentando a demanda de carne bovina na dieta média de seus habitantes.

Os efetivos bovinos nos países europeus são geralmente de dupla finalidade e esses países tradicionalmente baseiam sua oferta no abate de vacas que deixaram de ser boas produtoras de leite, assim como bezerros e novilhas consideradas excedentes do plantel leiteiro. Essa produção de carne encontra seu maior escoamento na grande indústria de salsicharia da Europa.

O Mercado Comum Europeu importa da Argentina e, mais recentemente, do Brasil, cortes de novilhos para uso como assados e bifes. Geralmente esses cortes são desossados, embalados a vácuo ou congelados.

Muitos países da Europa Ocidental pagam um preço especial de preço pela carne de vitelo, pois essa é a única carne bovina considerada como tenra pelos seus consumidores. O abate indiscriminado de vitelos limita severamente a produção da carne da Europa.

Cada país do Mercado Comum tem suas características peculiares como consumidores de carne bovina.

A França, em particular, utiliza carne de trazeiras e exporta carne de dianteiras destinada à Alemanha Ocidental e Bélgica para fabrico de salsichas e, para o Reino Unido, para uso em outros produtos alimentícios. Por sua vez, importa desses países peças de dianteiras a fim de suplementar a produção local, bem como cortes desossados de novilhos dos países fornecedores sul-americanos.

A Itália — basicamente um importador — compra carne de vitelo e de novilhos de outros países do Mercado Comum, além de importar carne desossada e industrializada da África (principalmente de Quênia) e cortes sem osso de novilhos da América do Sul.

A forte preferência do consumidor por carne de vitelo tem drenado a oferta de bezerros de outros países europeus, para o desespero dos franceses e alemães.

A Alemanha, uma grande consumidora de salsichas, com sua própria produção de carne derivada principalmente de vacas, importa uma quantidade considerável de cortes de novilhos, notadamente da Argentina. A legislação alemã exige inspeção de carne bovina no país de origem, a não ser que a carcassa inclua a cabeça.

A Holanda, com sua florescente indústria leiteira, é uma grande produtora e consumidora de carne barata de vaca e sua influência no mercado de carne da comunidade é bastante significativa. Desde que um pouco mais da metade de sua carne provém de vacas, a estrutura de preço é geralmente mais baixa do que a dos demais países do Mercado Comum Europeu.

Reino Unido — O mercado doméstico e de carne importada na Inglaterra está baseado em peças maciças (rosbife e filé), sendo pequena a demanda por carne moída e itens de salsicharia. Desse modo, os ingleses vêm importando grande quantidade de carne bovina gorda ou cortes de novilhos da Austrália e Nova Zelândia, bem como dianteiras frescas desossadas da França e Irlanda, para uso em pratos típicos, como a torta de carne.

A Inglaterra tem sido um mercado tradicional de cortes de trazeiras da Argentina e países africanos.

Japão — No quadro geral, o Japão é bastante singular. Tradicionalmente, não tem sido consumidor de carne; sua alimentação baseia-se basicamente no peixe e no arroz. Recentemente, tem

ocorrido uma crescente demanda por carne, principalmente suína, mas o consumo de carne bovina está-se verificando atualmente.

As importações de carne do Japão provêm notadamente da Austrália e Nova Zelândia, devido às vantagens de preço e de transporte.

Estima-se que a demanda de carne do Japão cresça a uma taxa anual de 15%, o que deverá afetar o movimento de carne da Oceania, desviando-o dos mercados americano e inglês. Um aumento no consumo de carne de 500 gramas por ano por habitante criaria uma demanda adicional de 50 mil toneladas por ano; sendo o consumo "per capita" do Japão em 1971 de apenas 2,4 kg/ano, as possibilidades de crescimento das exportações de outros países são aparentemente ilimitadas.

Os Estados Unidos — O consumidor típico americano exige carne de alta qualidade para assados e bifes, de animais novos (novilhos e novilhas) mais gordos. Sabe-se, entretanto, que 46 a 50% de toda a carne consumida nos Estados Unidos é moída. A necessidade de melhorar fez com que os Estados Unidos se tornassem um dos maiores importadores de carne maciça do mundo.

SUMMARY

The main objective of this survey was to renew data about cattle distribution in several regions in the Northeast Brazil formerly accomplished by BNB/Etene. It was observed the changes that have happened in the several cattle producing areas; to evaluate the regional cattle supply; to evaluate supply from other regions of cattle for breeding, raising, feeding and slaughtering in the Northeast; to identify the main movement of herds from the producing areas to the import areas and/or concentration points of cattle for slaughter; to get information about the industry processing facilities of cattle; slaughtering facilities and conditions of adaptation of the cattle industry towards a future policy of beef export by the Northeast; export mechanism for the country and policies of the international beef market.

SUMÁRIO

Este estudo integra uma série de pesquisas sobre pecuária bovina, realizadas pelo Banco do Nordeste do Brasil S/A através de seu Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE).

Sua efetivação veio ao encontro da necessidade de renovação de conhecimentos sobre pecuária bovina, bem como de uma avaliação, em termos globais, dos financiamentos concedidos ao setor, não apenas por parte dos departamentos especializados do Banco, como também de outros órgãos de desenvolvimento que atuam na Região.

A pesquisa visou especificamente: atualizar o zoneamento pecuário anteriormente realizado pelo BNB/ETENE, a fim de se conhecerem as modificações que poderão ter ocorrido nas diversas áreas produtoras de bovinos para corte; estimar a oferta regional e extra-regional de bovinos destinados à cria, recria e abate no Nordeste; identificar os principais movimentos de gado bovino das zonas produtoras para os centros importadores ou de convergência de bovinos para consumo; obter informações sobre a infraestrutura industrial existente no que se refere ao aproveitamento de bovinos, abate e condições de adaptação do setor pecuário a uma futura política de exportação de carne pelo Nordeste, mecanismo de exportação de carne vigente no país e mercado internacional de carnes.